

DROGAS, INDIVÍDUO E FAMÍLIA: UM ESTUDO DE RELAÇÕES SINGULARES

Zelia Freire Caldeira

Orientador: Jeni Vaitsman

Co-Orientador: Regina Benevides

Dissertação apresentada à Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz - ENSP/FIOCRUZ - como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Saúde Pública.

Rio de Janeiro, março de 1999

Aos meus pais, Wanderley e Zely, por terem me proporcionado a oportunidade de construir, com amor e responsabilidade, minha própria história de vida.

Aos meus filhos, Bárbara e Renato, pelos momentos de aprendizado, crescimento e amadurecimento recíprocos.

À memória de meu filho Daniel, cuja ausência e a saudade me permitiram refletir mais sobre o real valor da vida.

À Antônio Carlos, pela cumplicidade e pelo compartilhamento de uma relação singular.

Se o HOMEM fosse, como deveria ser,
Não um animal doente, mas o mais perfeito dos animais,
Animal directo e não indirecto,
Devia ser outra a sua forma de encontrar um sentido às
cousas,
Outra e verdadeira.
Devia haver adquirido um sentido do “conjunto”;
Um sentido como ver e ouvir do “total” das cousas
E não, como temos, um “pensamento” do “conjunto”;
E não, como temos, uma idéia, do “total” das cousas.
E assim - veríamos - não teríamos noção do “conjunto” ou do
“total”,
Porque o sentido do “total” ou do “conjunto” não vem de um
total ou de um conjunto
Mas da verdadeira Natureza talvez nem todo nem partes.

Fernando Pessoa

RESUMO

O presente estudo aborda a questão do uso de drogas lícitas e ilícitas, discutindo, mais especificamente, duas formas de consumo: a experimentação e o uso eventual ou recreacional.

Partindo da hipótese de que indivíduos que experimentam ou usam drogas eventualmente e não se tornam dependentes, possuem traços específicos em seu *processo de singularização*, que de algum modo funcionam como *proteção* para que a dependência não se estabeleça, foi privilegiado o estudo do contexto familiar desses indivíduos, no sentido de tentar identificar, nas experiências vividas na rotina familiar, fatores que possam ter contribuído para o comportamento de não adicção às drogas experimentadas. Dentre essas experiências, foram destacadas as relações de afeto/auto estima, responsabilidade e limites.

O trabalho empírico foi desenvolvido, a partir da abordagem qualitativa, em uma comunidade de baixa renda da zona sul do Rio de Janeiro. Foram entrevistados indivíduos com história de experimentação e/ou uso eventual de drogas lícitas e/ou ilícitas, que não estabeleceram com estas drogas relação de dependência.

Os resultados parecem confirmar a hipótese de que as relações de afeto/auto-estima, responsabilidade e limites, vivenciadas no cotidiano familiar, podem constituir importantes *fatores de proteção* contra a dependência de drogas. Além disso, o estudo aponta para a necessidade de novas investigações, que busquem analisar, mais detalhadamente, as semelhanças e as diferenças de traços significativos nas histórias de vida de indivíduos dependentes de drogas e indivíduos usuários e não dependentes. Isso permitiria ampliar a discussão sobre *fatores protetores* e *fatores de risco*, não só relacionados ao consumo de drogas, mas também no que se refere a comportamentos de preservação da saúde e valorização da vida.

ABSTRACT

The present study approaches the subject of the use of licit and illicit drugs, discussing, more specifically, two consumption forms: the experimentation and the eventual use.

We hypothesized that there are individuals who try or use drugs eventually don't become dependent. Somehow, those individuals have specific points on their development, which work as protective factors. So the dependence doesn't settle down. The study of those individuals' family context was privileged. Experiences lived in the family routine, can have contributed to the non-addictive behavior. Among those experiences, were outstanding the self-esteem, responsibility and limits.

The qualitative work was developed in a community of low income in the city of Rio de Janeiro. Individuals were interviewed with history of experimentation or/and eventual use of drugs licit and illicit, but they didn't develop dependence.

The results seem to confirm the hypothesis that self-esteem, responsibility and limits skilled in the daily family can constitute important protective factors against the dependence. Besides, the study shows the need of new investigations in the histories of drug dependent's life and individuals users who are not dependent. Those studies would allow to enlarge the discussion about protective factors and risk factors, not only related to the consumption of drugs, but also on the behaviors of preservation of the health and quality of the life.

SUMÁRIO

RESUMO/ABSTRACT	4
AGRADECIMENTOS	8
I. APRESENTAÇÃO	10
II. INTRODUÇÃO	15
III. PRESSUPOSTOS PARA O ESTUDO	19
IV. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS	20
O Indivíduo na Sociedade Moderna	20
Família Moderna: Transformações e Conflitos	24
Indivíduo, Família, Drogas e Sociedade	26
Uso e Abuso de Drogas: Conceitos X Singularidade	30
V. METODOLOGIA DA PESQUISA	37
A. Natureza da Pesquisa	37
B. Critérios para a Seleção dos Entrevistados	38
C. A Comunidade Investigada	39
D. As Entrevistas	42
D. Técnicas e Instrumentos Utilizados	43
E. Exposição dos Dados	43
VI. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES	46
Semelhanças X Diferenças	46
Família Formal X Família Real	47

Contexto X Singularização	48
A Dimensão do Afeto/Auto-Estima.....	54
A Dimensão da Responsabilidade e dos Limites.....	61
A Relação Afeto/Auto-Estima, Responsabilidade, Limites e Drogas	66
VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
VIII. CONCLUSÃO.....	72
BIBLIOGRAFIA.....	77

AGRADECIMENTOS

Meu reconhecimento e agradecimento a todos aqueles que, de alguma forma, colaboraram para a realização deste trabalho.

Expresso, aqui, um agradecimento especial a Associação de Moradores da Cruzada São Sebastião (AMORABASE), nas figuras de seus representantes, Márcia, Eduardo e Paulo, que tornaram possível o desenvolvimento do trabalho empírico na comunidade. Ressalto, também, minha enorme gratidão aos entrevistados, pois sem o relato de suas histórias de vida, o presente estudo não seria viável.

Agradeço, ainda, a minha orientadora, Jeni Vaitsman, pelo apoio, incentivo e acompanhamento de meus estudos, e a minha co-orientadora, Regina Benevides, pelas pontuações e observações que muito enriqueceram o meu trabalho. A ambas, meu reconhecimento pelo estímulo, orientação e ensinamentos, que foram de fundamental importância em minha trajetória acadêmica.

Minha gratidão a todos os professores que, em diferentes momentos, participaram da minha formação, contribuindo com seus conhecimentos e saberes. Faço, aqui, uma referência especial aos professores Otávio Cruz Neto e Jorge de Campos Valadares, ambos da ENSP/FIOCRUZ, com quem pude compartilhar momentos que me permitiram não só crescer intelectualmente, mas também crescer como ser humano.

Gostaria de registrar, também, meu agradecimento aos colegas de curso e companheiros de caminhada, que dividiram comigo, além das incertezas, dúvidas, ansiedades e descobertas do percurso acadêmico, todo o prazer e a alegria de constatar que, ao final da estrada, boas sementes foram plantadas.

Agradeço, ainda, aos meus colegas do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - NEPAD/UERJ - pelo apoio e incentivo e, em especial, a Professora Maria Thereza Costa de Aquino, diretora do núcleo, por estimular e possibilitar o meu estudo. Um particular agradecimento a Zairine Vianna Freire e a Regina Célia Meira Matias, pela paciência e dedicação com que prepararam a editoração eletrônica e a apresentação visual deste trabalho.

Para finalizar, ressalto um profundo reconhecimento aos meus pais, meus irmãos, meus tios, Jorge e Therezinha, e a alguns amigos pessoais, que, com intenso carinho, solidariedade e afeto, estiveram presentes neste meu percurso.

Sobretudo, quero agradecer aos meus filhos, Bárbara e Renato, e a Antonio Carlos, pela compreensão, paciência, companheirismo e amor que me dedicaram durante mais esse processo, nem sempre harmonioso, de crescimento e amadurecimento.

I. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho consiste em um estudo sobre o consumo de drogas lícitas e ilícitas no contexto de uma comunidade de baixa renda da zona sul do Rio de Janeiro, e busca, mais especificamente, trazer à discussão **duas formas** de comportamento relacionadas ao **consumo de drogas**: a experimentação e o uso eventual. O objetivo é tentar identificar **fatores** que possam ser considerados como **protetores** para não adicção à essas drogas.

A questão é abordada considerando as transformações sociais decorrentes do processo de civilização e modernização da sociedade ocidental, e introduz a problemática do **abuso de drogas** como um **fenômeno da modernidade**. Dentro desse contexto, foram privilegiadas as relações familiares, com o objetivo de analisar como as experiências vividas no cotidiano influenciam no processo de singularização do indivíduo, e, conseqüentemente, em seu comportamento, não só no que se refere ao consumo de drogas, mas também no que diz respeito a diversas atitudes diante da vida em geral.

A priori, torna-se necessário um esclarecimento quanto a alguns termos e conceitos utilizados ao longo deste trabalho.

Primeiramente, o conceito de **drogas** remete ao campo da farmacologia, tendo variáveis que não são pertinentes ao presente estudo. Aqui, o termo é utilizado para designar apenas as **substâncias psicoativas**, que quando absorvidas pelo organismo por diferentes vias (oral, endovenosa, inalada, etc...), alteram o funcionamento do **Sistema Nervoso Central (S.N.C.)** do indivíduo. Essas alterações provocam mudanças no estado de consciência e no senso de percepção do usuário, uma vez que as referidas substâncias podem atuar como depressoras, estimulantes ou perturbadoras do S.N.C (Lima, E., 1997).

A seguir, exemplos de algumas substâncias psicoativas, classificadas, segundo Aquino (1998), conforme seus efeitos no organismo:

a) Estimulantes:

- Tabaco - os três principais componentes de um cigarro de tabaco são a nicotina, o alcatrão e o monóxido de carbono, A nicotina atua como um estimulante do coração e do sistema nervoso central. O alcatrão, na fumaça, contém muitas substâncias que provocam câncer e insuficiências respiratórias. O monóxido de carbono reduz a habilidade do sangue em carrear oxigênio para o cérebro ou para os tecidos do corpo, sendo um dos responsáveis pelo desenvolvimento da arteriosclerose (endurecimento das artérias causado pelo depósito de gorduras ou ateromas).

- Anfetaminas - muitas vezes utilizadas de forma perigosa em dietas alimentares para o controle do apetite. Conforme as doses, podem provocar inquietação, ansiedade, mudança de humor, pânico, distúrbios cardíacos e circulatórios, pensamentos paranóides, alucinações, convulsões e coma. Quando ingeridas de forma freqüente e em grandes quantidades, podem resultar em um distúrbio muito particular, que é a dificuldade de transformar pensamentos em palavras.

- Ecstasy - MDMA (Metileno Dióxido Metanfetamina) - droga sintética, resultado da mistura de anfetamina com um alucinógeno. Age sobre o sistema nervoso central aumentando as concentrações de serotonina e dopamina (neurohormônios cerebrais, responsáveis pela regulação bioquímica do humor). Ao término do efeito, provoca um forte sentimento de depressão. Sua ingestão de forma indevida pode acarretar a morte, devido a um alto grau de elevação da temperatura do corpo.

- Cocaína - extraída das folhas da planta da coca, sendo mais comumente utilizada sob a forma de cloridrato de cocaína. Provoca dilatação das pupilas, aumento da pressão arterial, dos batimentos cardíacos, da freqüência respiratória e da temperatura do corpo. Mesmo em pequenas doses, acarreta sentimentos de euforia, ilusão do aumento da capacidade de percepção sensorial, diminuição do apetite e da necessidade de dormir. Inalações freqüentes provocam corrosão da membrana nasal.

- Crack - é obtido do pó da cocaína e pode ser fumado em cachimbos especiais. Atinge o cérebro de maneira intensa e perigosa, levando o indivíduo rapidamente à dependência, à loucura e à morte.

- Cafeínas e Xantinas - encontradas no café, chás, refrigerantes do tipo cola, chocolates e em alguns remédios, como os usados para combater enxaqueca. Seus efeitos mais comuns são o aumento dos batimentos cardíacos, da temperatura do corpo, da atividade dos rins e da secreção do suco gástrico. Pode interferir na sensação de fome e na profundidade do sono.

b) Depressores:

- Álcool - atua primeiramente nas regiões do cérebro que comandam o autocontrole e a censura interna. Em altas doses, diminui a capacidade de perceber sensações e perturba a coordenação muscular, a memória e o julgamento. Em grandes quantidades e por um período longo de tempo, pode danificar permanentemente o fígado e o coração, além de provocar danos irreversíveis para o cérebro.
- Tranquilizantes e Barbitúricos - são drogas prescritas por médicos para pacientes que sofrem de ansiedade (tranquilizantes) ou disritmia (barbitúricos). Os tranquilizantes ficam depositados na gordura do corpo durante muitos dias, se desprendendo lentamente e sendo lançados na circulação sanguínea.
- Heroína - droga semi-sintética (produzida em laboratório) e tem, como matéria prima a morfina. É uma droga que tem alto poder para causar dependência física. Conduz, inicialmente, a um estado de lassidão e euforia. Com o passar do tempo de uso, as doses precisam ser aumentadas para se obter o mesmo efeito.

c) Alucinógenos e Perturbadores

- L.S.D. (Dietilamida do Ácido Lisérgico) - é encontrado nos grãos de centeio. Droga extremamente poderosa, sendo efetiva em quantidades muito pequenas (microgramas). Seus efeitos variam conforme a dosagem, a personalidade do usuário, o momento em que está sendo usada, etc. Basicamente, ela causa mudanças nas sensações (ilusões e alucinações).
- Maconha - cigarro feito com folhas, caule, frutos e sementes de uma planta denominada *cannabis sativa*, cujo princípio ativo ou o alucinógeno principal é o tetra-hidrocanabinol - THC . Quanto mais THC tiver o cigarro de maconha, maior o seu potencial psicoativo. Seus principais efeitos são aumento dos batimentos cardíacos, vermelhidão dos olhos, secura na boca e na garganta. Estudos indicam que a droga interfere temporariamente na memória, altera o sentido do tempo e reduz a habilidade para cumprir tarefas que requerem respostas rápidas.
- Inalantes - também chamados solventes, caracterizam-se por provocar

alucinações, agressividade, além de causar sérios danos ao sistema nervoso, fígado e rins. Os mais conhecidos são a cola de sapateiro, a cola de modelagem, os sprays, esmaltes, gasolina e benzina. Todos os solventes contêm grandes quantidades de chumbo, que podem causar danos irreversíveis nos pulmões, sistema nervoso central, sangue e rins.

Quanto aos termos **uso** e **abuso** de drogas, é importante esclarecer sobre a diferença do significado de cada um deles. **Usar drogas** significa consumir algum tipo de substância psicoativa de forma **eventual** ou **recreacional**. Como exemplos, podem ser citados o consumo de bebidas alcoólicas em determinadas ocasiões, o uso de psicofármacos por recomendação médica, o uso de algumas ervas em rituais religiosos, ou ainda, o uso esporádico de drogas consideradas ilícitas (maconha, cocaína, etc...). Já o **abuso de drogas** refere-se ao **consumo excessivo** de qualquer substância psicoativa, que acarrete danos físicos, psicológicos e/ou sociais para o indivíduo.

Cabe chamar atenção, ainda, para a classificação das drogas em **lícitas** e **ilícitas**. Os dois termos são constantemente utilizados por profissionais e pesquisadores do campo das toxicomanias. No entanto, não se prendem fundamentalmente a critérios técnicos, farmacológicos ou científicos, e podem variar de significado de acordo com o **contexto sociocultural**. *“Enquanto em muitos países islâmicos o consumo do álcool é ilícito e severamente punido pelas leis do Corão, o mesmo não acontece ao haxixe, cujo consumo é pelo menos tolerado. No Ocidente, tais normas claramente se invertem”* (Lima, E.S. 1997:92).

No Brasil, freqüentemente são consideradas ilícitas as drogas cujo comércio e o consumo são proibidos por lei (maconha, cocaína, heroína, crack, etc...), e como lícitas aquelas cuja lei permite que sejam comercializadas e consumidas (álcool e psicofármacos). No entanto, essa classificação não é muito bem definida, uma vez que algumas substâncias cujo comércio é permitido (éter, cola de sapateiro, benzina, etc...) podem ser usadas para fins diferentes daqueles para os quais foram produzidas e com o propósito de alterar a consciência do indivíduo. Desta forma, no presente trabalho estão sendo consideradas drogas lícitas apenas o álcool e os psicofármacos.

Drogadicção¹, toxicomania, toxicodpendência são termos empregados para designar

¹ Drogadicção = Adicção à drogas. A etimologia do vocábulo “adicção” remete ao latim. “Adicto” origina-se no particípio passado do verbo “addico”, que significa “adjudicar” ou “designar”. Este particípio é “addictum” e quer dizer o “adjudicado” ou “designado” - o “oferecido” ou “oferendado”.

Nos tempos da República Romana, “addictum” designava o homem que, para pagar uma dívida, se convertia em escravo por não dispor de outros recursos para cumprir o compromisso contraído.

O substantivo “adicção” designa, em nossa língua, a inclinação ou o apego de alguém por alguma coisa.

um consumo compulsivo de substâncias psicoativas. Por ser um campo de estudos e pesquisas relativamente novo, muitas dúvidas e indefinições ainda estão por esclarecer. Assim, espero que os resultados do presente estudo possam contribuir para alargar um pouco mais os conhecimentos sobre esse fenômeno, que tanto tem mobilizado e inquietado, atualmente, a nossa sociedade.

II. INTRODUÇÃO

O abuso de drogas verificado nos últimos anos e suas conseqüências na vida do indivíduo e da sociedade é considerado, hoje, um problema de saúde pública. A situação vem se tornando cada vez mais alarmante e com grande impacto social, reivindicando maior atenção dos profissionais de saúde. Como diz Bucher, *o problema espalha-se nas sociedades industrializadas para atingir dimensões epidêmicas, transformando-se num sintoma inquietante de um novo e profundo mal-estar na civilização*. (Bucher, 1988:35).

O primeiro contato com as drogas, muitas vezes ocorre na adolescência. Nessa fase, o indivíduo passa por bruscas mudanças biológicas e psíquicas, sendo a etapa mais vulnerável de todo o desenvolvimento humano. Conflitos de naturezas diversas afloram num momento de labilidade emocional e extrema sensibilidade.

O desafio da transgressão às normas estabelecidas pelo mundo dos adultos, a curiosidade pelo novo e pelo proibido, a pressão de seu grupo para determinados comportamentos, são alguns dos fenômenos típicos da adolescência que podem levar à primeira experiência com as drogas lícitas e/ou ilícitas.

Mas o fato de experimentar não significa necessariamente dar o primeiro passo para a dependência. Zinberg (1984), desenvolveu um estudo onde verificou que há uma larga escala de padrões de uso. Alguns indivíduos podem manter o uso de drogas sob controle, evitando os efeitos destrutivos, o uso excessivo ou o abuso. Ele supõe que este controle possa se dar por meio de sanções e/ou rituais.

Segundo o autor, nossa cultura ainda não reconheceu o uso controlado das drogas ilícitas. Todos os usuários são declarados "*desviantes*", e são uma "*ameaça*" para a sociedade, ou são "*doentes*" necessitando de ajuda, ou "*criminosos*" passíveis de punição. Para ele, a interrelação de fatores de personalidade e sociais é que determina a qualidade do uso de drogas.

A associação reducionista do uso de drogas ilícitas à marginalidade, à improdutividade e à violência impedem uma compreensão mais ampla da questão. E, dentro dessa visão, o impacto que o uso de drogas ilícitas causa na família, pode provocar reações de rejeição e exclusão do usuário, levando, muitas vezes, ao aumento do consumo. Além disso, o "terror" que habita o imaginário social com relação a essas drogas, freqüentemente leva a banalização do uso de outras drogas (lícitas), que, se usadas de forma abusiva, podem provocar efeitos tão destrutivos quanto às primeiras.

Numa pesquisa sobre o "Consumo de Drogas Lícitas e Ilícitas por Estudantes de

Primeiro e Segundo Graus de Escolas Públicas do Rio de Janeiro”, realizada recentemente (1995-1997), através do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (NEPAD/UERJ), foram entrevistados 3.139 estudantes entre 10 e 20 anos. Os resultados mostraram que: as três primeiras drogas mais consumidas pelos jovens são álcool, tabaco e inalantes/solventes (éter, cola de sapateiro, benzina, etc.), sendo que o percentual de uso do álcool é maior do que os de todas as outras drogas somados; as drogas lícitas (álcool, tabaco e tranqüilizantes) são experimentadas mais precocemente que aquelas tidas como ilícitas (maconha e cocaína); existe uma diferença significativa entre os percentuais relativos à experimentação e aqueles que se referem ao uso recente das drogas. Essa mesma pesquisa revelou que a idade média da primeira experiência com as drogas é entre 12 e 13 anos².

A partir destas constatações, surgiram algumas questões: **Por que será que algumas pessoas experimentam drogas (lícitas e/ou ilícitas) e não se tornam dependentes? Que fatores poderão influenciar no aumento ou na redução da probabilidade do consumo abusivo das drogas experimentadas?**

Essas questões levaram-me a buscar nas fontes científicas disponíveis, estudos que pudessem servir de base para a adoção de estratégias de prevenção que privilegiassem o fortalecimento de fatores identificados como protetores para a não adicção às drogas experimentadas. Algumas proposições sobre *fatores protetores* e *fatores de risco* são discutidas no Capítulo IV – Considerações Teórico-Conceituais.

Sabe-se que durante a infância, o indivíduo vai reunindo e integrando impressões do vivido que, aos poucos, vão contornando-o como pessoa. Na adolescência, *torna-se potencialmente capaz de contestar tudo aquilo que sinta não ser ele mesmo* (Kalina, E. & Grynberg, H., 1992:15). E as primeiras contestações, geralmente, ocorrem no ambiente familiar, onde o adolescente começa a questionar comportamentos que lhes “são impostos como se fossem leis” e passa a exigir da família e do ambiente que o cerca respostas coerentes aos seus questionamentos. Isso significa a entrada do indivíduo numa *nova realidade*, com a qual ele vai se relacionar de forma particular e que lhe permitirá reconhecer-se enquanto sujeito. É nessa tentativa que o indivíduo se permite *experimentar* diversas situações,

² Dos entrevistados, 77% referiram ter experimentado bebida alcoólica, enquanto 19,5% relataram o consumo nos últimos trinta dias; 34,4% experimentaram cigarro (tabaco) e 4,6% fizeram uso nos últimos trinta dias; 9,2% experimentaram solventes/inalantes e 2,8% usaram recentemente; 7,1% experimentaram tranqüilizantes e 1,6% fizeram uso recente; 6,3% experimentaram maconha e 2,0% usaram recentemente; 1,9% experimentaram cocaína e 0,6% usaram nos últimos trinta dias.

abstraindo dessas experiências para si, um *novo sentido* para a sua vida, redefinindo sentimentos e valores. É claro que essa “*nova consciência de si*” traz consigo uma série de experiências primeiras que, consciente e/ou inconscientemente, marcaram o vivido na infância desse indivíduo. E é esse *novo sujeito* que, dentro do contexto em que vive, assumirá *novas formas* de se posicionar diante da vida e de responsabilizar-se por si mesmo.

Dentre as várias possibilidades de experiências que atualmente se apresentam aos adolescentes, encontramos o uso de drogas lícitas e ilícitas. O uso de drogas pelos jovens como um movimento de contestação, teve seu início nos anos 60, com o fenômeno da Contracultura, que tinha como características a rejeição crítica do *establishment*, a liberdade individual e sexual e a reação a um consumismo vulgar da sociedade de massas. "*O uso de drogas no movimento hippie e na Contracultura, tanto no mundo em geral, como no Brasil, estava associado a um 'ethos' pacifista com flores e música*" (Velho,G. 1997:12). Entretanto, no final da década de 70, "*as drogas foram capturadas pela indústria do narcotráfico, pelas máfias, sendo transformadas no seu potencial simbólico. Instalou-se o silêncio metafórico no imaginário coletivo do Ocidente, instituindo-se pois o consumo de drogas em larga escala pelo bel prazer da busca da excitação, da procura do gozo em estado puro*" (Birman,J. 1997:14).

Razões econômicas, políticas e sociais fizeram do comércio das drogas um investimento dos mais lucrativos nos últimos tempos, estimulando a especulação da dependência e do consumo. E isso refere-se tanto às drogas lícitas, quanto às ilícitas. Sobre o consumo do álcool, por exemplo, Sanchez & Sanchez (1982) dizem: "*A 'permissividade' das culturas tem sido apontada como a responsável direta por esse estado de coisas. Entretanto, o negativo da permissividade implica a idéia de repressão ao consumidor, mais ou menos cega, como forma de solucionar o problema. Essa repressão já existe e parece que dela nada de positivo resulta. (...) As sociedades de base competitiva, para além da atitude repressiva, trazem os germes do estímulo para o consumo de toda a gama de estupefacientes, que se prestam a dissolver as reivindicações do cidadão inconformado, inquieto ou angustiado*" (Sanchez & Sanchez, 1982:143). Quanto às drogas ilícitas, constatamos seu comércio articulado ao tráfico de armas, misturando-se a negócios oficiais de exportação e importação e revelando-se como uma das atividades mais lucrativas de que se tem conhecimento. Nesse sentido, políticas repressivas e policiaescas, baseadas apenas na perseguição e criminalização do mero usuário, constituem uma perda de tempo e energia, soando como atitudes inúteis e ineficazes.

Apesar de considerar de extrema importância a discussão sobre os fatores implicados no indiscutível e assustador crescimento do consumo de drogas nos últimos anos, por não ser

este o objetivo do presente trabalho, não cabe aqui o aprofundamento dessa discussão. O importante é considerar nesse contexto, que as **possibilidades de acesso** dos adolescentes às **drogas lícitas e ilícitas** é uma **realidade presente** em todos os segmentos da nossa sociedade, independentemente da classe a que pertençam.

Desta forma, considerando o uso de drogas como uma possibilidade concreta, acredito que a relação que esse adolescente fará (ou não) com a substância experimentada estará ligada ao seu modo de subjetivação, logo, à sua história de vida.

Partindo, então de alguns pressupostos, desenvolvi o presente estudo, através de um recorte que privilegia as relações familiares, na tentativa de identificar alguns fatores que podem influenciar na atitude do indivíduo diante de formas variadas de consumo de drogas.

III. PRESSUPOSTOS PARA O ESTUDO

O desenvolvimento do presente estudo partiu dos seguintes pressupostos:

- a) O que determina a qualidade do uso de drogas (experimentação, uso eventual, uso abusivo ou dependência) é a relação que o indivíduo estabelece - ou não - com determinadas substâncias, a partir de sua experimentação;
- b) Essa relação, assim como outras estabelecidas ao longo da vida do indivíduo, deverá variar conforme o vivido em seu “processo de singularização”;
- c) Se existem *fatores* que *protegem* os indivíduos de tornarem-se dependentes das drogas experimentadas ou do prazer que elas possam proporcionar, alguns deles devem estar relacionados às experiências vividas por esses indivíduos em suas primeiras relações, ou seja, em seu grupo familiar. Dentre essas experiências, destaco como de importância significativa, o **afeto/auto-estima**, a **responsabilidade** e o **reconhecimento de limites**.

Reconhecendo a amplitude desses conceitos, algumas proposições são mais amplamente discutidas no Capítulo VI - Análise das Informações.

IV. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS

O debate sobre formas variadas de consumo de drogas lícitas e ilícitas, introduzidas pelo presente trabalho, parte do pressuposto defendido por Olivenstein (1985), que diz: “*a dependência de drogas não deve ser considerada somente como um fenômeno psicoquímico, mas um fenômeno ativo, voluntarista, um modo de existência, uma relação com a vida* (Olivenstein, 1985). Em outras palavras, a droga existe independente do usuário; o seu consumo só é possível com a participação do indivíduo; o **uso**, o **abuso** ou a **dependência** só podem ser definidos a partir da **relação triangular** entre o **sujeito**, a **droga** e o **contexto** em que essa droga é consumida.

Aqui, a questão do consumo de drogas é abordada, evitando-se a forma reducionista que considera apenas o viés jurídico/legal e/ou psicopatológico, e introduz a problemática numa discussão social mais complexa, privilegiando as relações familiares. Para tanto, foram adotados referenciais teóricos variados, tendo em vista as transformações sociais decorrentes do processo de civilização e modernização da sociedade ocidental contemporânea, seus reflexos nas relações familiares e sua conseqüente influência no comportamento e atitudes dos indivíduos diante da vida.

O indivíduo na Sociedade Moderna

A concepção ocidental de modernidade, segundo Touraine (1994), foi pensada e vivida como uma revolução que fez “tábula rasa” das crenças e das formas de organizações sociais e políticas que não se baseassem em uma demonstração do tipo científico. Desta forma, acreditava-se que os seres humanos se libertariam das desigualdades transmitidas, dos medos irracionais e da ignorância.

No pensamento ocidental sobre a modernidade, verifica-se a tentativa de ampliar o papel essencial da racionalização para uma idéia de *sociedade racional*, onde a razão não comanda apenas a atividade científica e técnica, mas também o governo dos homens e a administração das coisas.

Os ideais universalistas (igualdade, liberdade e fraternidade), exaltados com o advento da modernidade, tiveram sua origem na religião cristã, que defendia a *irmandade em Cristo*, inaugurando, com isso, a idéia de indivíduo *fora do mundo*, isto é, fora daquele mundo totalitário e hierárquico, e dentro do *mundo de Deus*, igual para todos.

Entretanto, diz Berman (1990), “*os ideais cristãos da integridade da alma e a*

aspiração à verdade levaram a implodir o próprio cristianismo. O resultado constitui os eventos que Nietzsche chamou de 'a morte de Deus e o advento do niilismo'. A moderna humanidade se vê em meio a uma enorme ausência e vazio de valores, mas, ao mesmo tempo, em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades." (1990:21).

Com a quebra do paradigma religioso, busca-se, então, a explicação do social através de paradigmas científicos, onde a totalidade é fragmentada, e a *pessoa individual passa a ser mais valorizada*. Com isso, o sentimento individualista ganha proporções cada vez maiores, aprofundando a tensão entre indivíduo e sociedade. Essa relação efetiva passa, então, a ser campo de análises científicas, que tenta extrair modelos conceituais mais consistentes e fundamentados.

As sociedades mais desenvolvidas de nossa época tendem a pensar o individual e o social como uma antítese, colocando os dois conceitos como se fossem opostos. Segundo Elias (1994), *"toda sociedade humana consiste em indivíduos distintos e todo indivíduo humano só se humaniza ao aprender a agir, falar e sentir no convívio com outros. A sociedade sem os indivíduos ou o indivíduo sem a sociedade é um absurdo (1994:67).(...) É um erro aceitar sem questionamento a natureza antitética dos conceitos 'indivíduo' e 'sociedade'" (Elias, 1994:129)*. Deve-se levar em consideração, portanto, que a existência de ambas as realidades só se sustenta através da relação necessária e "inescapável" entre elas.

A organização da vida pessoal e coletiva, a partir da modernidade, exhibe, então, transformações nos laços sociais, nos sentimentos, nos costumes e nas crenças chamadas tradicionais, trazendo como conseqüência mudanças no comportamento dos homens, onde se verifica uma nova forma de conduta e sentimentos *civilizados*.

No campo da economia, com o desenvolvimento do capitalismo, a modernização não só cria um espaço de ação autônomo para os agentes do desenvolvimento econômico, como também viabiliza a exploração da mão de obra, o acúmulo de capital, o lucro, a mais valia, a competição de mercado e aprofunda as desigualdades sociais. Assim, a possibilidade de mobilidade social passa a ser estimulada pelos interesses capitalistas, a partir da produção de novos valores, que vão sendo cada vez mais universalizados através dos meios de comunicação.

Como parte dessas transformações, surge a concepção de cidadania, em várias dimensões e com múltiplas identidades (civil, política e social), sugerindo a uniformização, a igualdade e a universalidade.

Contudo, na sociedade brasileira *"a cidadania não se impôs como valor nem implementou mecanismos democráticos que possibilitassem o desenvolvimento de um sistema sócio-político minimamente satisfatório para a maior parte da população do país"* (Velho,

1996:14). A tensão permanente entre valores hierarquizantes e individualistas em nossa sociedade, para o autor, associa-se a extrema ambigüidade verificada na atuação do Estado. Ele diz: *“A idéia de democracia baseia-se na crença e na convicção de que os indivíduos, diretamente, ou através de seus representantes, encontrem meios para encaminhar a discussão de suas diferenças de pontos de vista e interesses. A função primordial do poder público, através de suas várias instâncias, seria coordenar esta negociação e implementar o bem-estar dos indivíduos e da sociedade. (...) Em linhas gerais, parte-se da premissa de que os indivíduos são iguais perante a lei e que todos são unidades sociais significativas, apesar dos processos de diferenciação existentes”* (1996:15).

O que se verifica no Brasil, entretanto, é que o não cumprimento do papel do Estado nesse processo, comprometeu as expectativas de reciprocidade que existiam, por exemplo, na sociedade tradicional, onde, apesar das desigualdades sociais, verificava-se o estabelecimento de relações não só de trabalho, mas também de aliança apoiada na lealdade e na solidariedade. Velho (1996) nos dá como exemplo desse sistema de reciprocidade, as relações entre senhores e escravos, que *“possibilitava a existência de expectativas culturais compartilhadas. (...) O ‘bom patrão’ seria aquele que cumpriria essas expectativas básicas associadas a uma noção de justiça. Enquanto o ‘mau patrão’ seria um explorador sem limites, ‘desumano’, o ‘bom patrão’ preocupava-se, protegia e zelava por seus subordinados”* (1996:16).

O autor diz ainda que a atual ausência de um sistema de reciprocidade, minimamente eficaz, se expressa em uma desigualdade associada e produtora de violência. *“A impossibilidade de acesso da grande maioria das camadas populares a bens e valores largamente publicizados, através da mídia e da cultura de massas em geral, acirra a tensão e o ódio sociais. A inadequação de meios legítimos para realizar essas aspirações fortalece o mundo do crime”* (1996:19).

Assim, presenciamos, hoje, o desenvolvimento de novas formas de criminalidade, como por exemplo, o tráfico de drogas. Sendo um fenômeno de dimensão internacional, sua repercussão na sociedade brasileira exhibe problemas sociais graves, principalmente no Rio de Janeiro e outras grandes cidades. Intimamente ligado ao tráfico de armas, o tráfico de drogas nas favelas e periferias dos grandes centros urbanos brasileiros arregimenta um número cada vez maior de jovens, que acreditam que *“os riscos envolvidos são compensados por gratificações sociais que nem se colocavam para a geração de seus pais, pois estes ocupavam posição subalterna no mundo hierarquizado. O acesso à droga e à arma é a base desse estilo de vida, que torna possível usufruir uma pauta de bens de consumo e um prestígio que facilita, entre outras coisas, o sucesso junto às mulheres e o temor entre os homens. (...) De um modo bastante vigoroso esses jovens explicitam sua rejeição ao tipo de vida dos pais e*

dos avós. A trajetória de trabalhadores modestos, repleta de dificuldades e frustrações, marcada pela pobreza, é encarada como algo a ser negado e evitado” (Velho, 1996:20).

Sabemos, entretanto, que nem todos os jovens de comunidades pobres entram para a “carreira do crime”. Há que se estudar mais detalhadamente em suas histórias de vida, portanto, quais os fatores que podem ter contribuído para protegê-los dessa adesão que “promete” uma dimensão de poder, dinheiro e prestígio muito além daquela que o seu cotidiano permite.

Por outro lado, também sabemos que os “pequenos traficantes” são pessoas das próprias comunidades que mantêm laços, ainda que tensos e cheios de conflitos, de solidariedade com os moradores. Muitas vezes eles cumprem um papel que caberia ao Estado, no que se refere ao “bem-estar” daqueles que ali vivem. A “lei” e a “ordem” são estabelecidas de forma bastante particular, e a lealdade é produzida ora pelo “dever de gratidão” ou de “reconhecimento”, ora pelo medo de represálias.

Outro ponto que, sem dúvida, favorece o aumento, em proporções desastrosas, da violência e da criminalidade nas grandes metrópoles brasileiras é a convivência com a impunidade. A mídia veicula, com frequência cada vez maior, crimes praticados pelas elites dominantes que permanecem impunes. *“A ineficácia do Judiciário reforça a idéia de ausência de justiça” (Velho, 1996:22).*

Podemos também citar a dificuldade de acesso das classes menos favorecidas aos sistemas de saúde e ensino públicos, denunciando que a desigualdade e a ausência de cidadania fazem parte do nosso cotidiano. Como diz Velho (1996), *“a falta de uma política social efetiva, com o desinteresse das elites e a falência do poder público, são fatores fundamentais para este quadro maior de desesperança. Ou seja, não se identifica um sistema de trocas entre as categorias sociais que sustente, minimamente, as noções de equidade e justiça” (1996:22).*

Enfim, a possibilidade de solução para os fenômenos sociais que atualmente tanto têm inquietado a sociedade brasileira, como é o caso da violência e do abuso de drogas, somente pode ser vislumbrada com a participação de uma sociedade civil que se sinta mais fortalecida pela confiança básica no poder público.

Família Moderna: Transformações e Conflitos

Como já vimos anteriormente, no curso da história da sociedade moderna podemos identificar uma pressão constante da competição, que multiplica funções sociais diferenciadas, tornando cada vez mais complexa a integração do indivíduo a uma realidade fluida, dinâmica e plural.

Sobre as transformações e conflitos ocorridos a partir do processo de modernização, a socióloga Jeni Vaitsman diz que *"o desenvolvimento da sociedade capitalista, mais tarde sociedade industrial moderna, levou a uma redefinição não só da relação entre as classes, mas também das relações de gênero. A família privatizou-se e transformou-se em família conjugal moderna, perdendo suas funções produtivas - segundo a concepção econômica que passou a representar como produtivas apenas as relações exercidas na esfera do trabalho remunerado. Construía-se um mundo feminino, privado, da casa, que passou a se colocar como oposto a um mundo público, da rua, que se tornou, no imaginário social e na ideologia oficial, um mundo masculino."* (Vaitsman, 1994:29-30).

Essas transformações provocaram mudanças significativas, que redefiniram as funções e papéis sociais e individuais em diferentes níveis: econômico, político, cultural, artístico, religioso e familiar.

Os reflexos da separação entre a vida pública e a privada dentro das famílias, legitimou a supremacia da figura paterna, que concentrou em si os atributos próprios do organizador do trabalho. Segundo Kalina (1980), *"os Estados respaldaram constitucionalmente os privilégios da figura paterna: eles respondiam ao poder real que tinha o pai como fator de continuidade e estabilidade social. Ou seja, a separação entre a vida política e a privada (Idade Moderna) provocou a absorção, no âmbito desta última, das pautas hierárquicas individuais, válidas, até então, unicamente para o Estado."* (Kalina & Kovadloff, 1980:47). Desta forma, o poder do pai sobre os membros da família era baseado na necessidade social e na dependência direta.

Porém, a própria dinâmica da modernização foi propiciando à mulher, nas últimas décadas, a conquista de espaço na participação do mundo público (acesso ao ensino superior, às atividades profissionais, políticas, artísticas, culturais e científicas), colocando, assim, a igualdade entre homens e mulheres como uma possibilidade social.

A participação da mulher na vida pública, logo, no mercado de trabalho, fez com que a figura paterna perdesse o poder absoluto sobre a subsistência da família. Assim, a autoridade no lar foi se transformando, uma vez que não era mais respaldada por uma "supremacia objetiva do pai". *"Hoje, a autoridade do pai não descansa sobre atributos de poder real, e*

sim nominal. A transcendência conferida à sua figura, sob o ponto de vista religioso, jurídico e social, não tem conteúdo 'vivo'. Acontece com ela o que se passa com o capitalismo e o individualismo no plano ideológico: sua força e sua vigência não provêm de sua capacidade de persuadir, mas do seu poder para submeter." (Kalina & Kovadloff, 1980).

Essas novas formas de relações familiares implicaram em novos tipos de identidades individuais e, como consequência, surgiram no casamento e na família conjugal moderna conflitos entre o individual e o coletivo, uma vez que a mulher passou a ter aspirações e a construir uma identidade não mais ligada exclusivamente aos filhos e ao marido, a quem até então estava subordinada e a quem cabia a provisão familiar. As relações assumiram, assim, novas formas mais flexíveis e heterogêneas e os fundamentos de legitimação das famílias foram, então se redefinindo.

Segundo Vaitsman, a ruptura da dicotomia entre o público e o privado na sociedade contemporânea "*não eliminou as distintas funções no casamento ou na família, mas deixou em aberto, como objeto de consenso ou disputa 'quem' deve desempenhá-las e 'quando' elas devem ser desempenhadas. Das cinzas da família conjugal moderna, os atores contemporâneos criaram novas formas de convivência e organização da vida cotidiana.*"(Vaitsman, 1994).

Assim, observa-se, na sociedade ocidental contemporânea, uma mudança na idéia de “estrutura ideal” ou de “modelo dominante” de família. Outros padrões de casamento e família começam a ser legitimados e, com isso, as relações entre seus membros tornam-se cada vez mais complexas e flexíveis.

Segundo a socióloga e pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, Cristina Bruschini, "*a família é um conjunto de pessoas ligadas por laços de sangue, parentesco ou dependência, que estabelecem entre si relações de solidariedade e tensão, conflito e afeto. Não se trata de um grupo 'harmonioso e sereno' voltado para a satisfação de necessidades econômicas, mas sim uma unidade composta de indivíduos de sexos, idades e posições diversificadas, que vivenciam um constante jogo de poder que se cristaliza na distribuição de direitos e deveres.*" (Bruschini, 1989).

Para Kalina (psiquiatra e psicanalista) & Kovadloff (filósofo e poeta), "*a instituição família é o contexto primário no qual se produz o desenvolvimento do ser humano. (...) Uma família se define muito mais pela 'intimidade partilhada' por aqueles que a integram, do que pelas normas e critérios legais que lhe dão realidade formal. Essa atmosfera de intimidade não coincide necessariamente com os laços de sangue ou com qualquer um dos enunciados clássicos que caracterizam a chamada 'célula familiar'.*"(Kalina & Kovadloff, 1980).

Considerando, então, o **grupo familiar** como a instância onde se desenvolvem as

primeiras relações do indivíduo, e com base no pressuposto defendido por Olivenstein (1985) de que a **drogadicção** se estabelece a partir de uma **dinâmica relacional** (entre o sujeito, a droga e o contexto), é possível pensar o fenômeno do **abuso de drogas** como ligado às experiências vividas na rotina familiar. Sobre isso, Schenker (1997) propõe: "*o indivíduo se interliga à família, que se interliga ao social, formando uma rede de causalidades múltiplas. Assim, a toxicomania não é privilégio de um indivíduo 'doente', mas sim um sintoma dos nossos tempos pós-modernos*" (Schenker, M. 1997:49).

Indivíduo, Família, Drogas e Sociedade

Sabe-se que o comportamento individual e a formação da consciência moral e dos ideais são visivelmente "moldados" através de valores transmitidos, principalmente na família e na escola.

A dimensão que atinge hoje o fenômeno do consumo de drogas nos grandes centros urbanos brasileiros, traz para dentro das famílias o medo, a insegurança e a sensação de impotência diante da possibilidade de seus jovens vivenciarem tal situação. Entretanto, como discutirei mais adiante, considero que experiências vividas no próprio cotidiano familiar, algumas delas relacionadas ao afeto, à responsabilidade e ao estabelecimento de limites, podem constituir importantes fatores na proteção desses jovens, quanto à forma de se relacionarem com os diferentes tipos de drogas (lícitas e ilícitas), as quais facilmente poderão ter acesso. Na minha opinião, não existe uma "receita infalível" para prevenir o uso e/ou o abuso de drogas. O que parece existir são diferentes modos de subjetivação que possibilitam o estabelecimento de relações singulares dentro desse contexto.

Segundo Gilberto Velho (1997), "*toda realidade é, sob o ponto de vista sociológico, construída e não naturalmente dada. (...) A relação das sociedades humanas com as drogas expressa simultaneamente uma relação com a natureza e um processo singular de 'construção social da realidade'*" (Velho, G. 1997:9-10).

Se acompanharmos alguns fatos históricos, verificamos que o uso de drogas é tão antigo quanto a própria humanidade. Diz Balbuena: "*Na Bíblia, surpreendentemente, não é nada fácil encontrar menções explícitas a drogas e a venenos que, com quase toda certeza, devido à localização geográfica da Palestina - entre o Egito, a Ásia Menor e a Pérsia - eram também conhecidas pelo povo judeu. Com dificuldade detectamos a recorrência de 'bálsamos', presentes em 'Gênesis' 37, 25 ('seus camelos estavam carregados de alcatira'³, de*

³Arbusto da família das leguminosas, subfamília papilionácea, de cujo caule se extrai a goma de igual nome; goma adraganta, extraída de arbustos da família dos astrálagos.

balsamo e ládano⁴ que levavam para o Egito') e em 'Gênesis' 43, 11, quando Jacó se refere aos 'melhores produtos da terra: um pouco de bálsamo e um pouco de mel, alcatira e ládano, pistácias e amêndoas'. Em 'Jeremias' 8, 22 fala-se de Galaad, conhecida por ser a terra de bálsamos e aromas (...). Em 'Deuteronômio' 29,18, uma referência a plantas venenosas(...). E lá e cá, aparições de mandrágora⁵ (...), sabe-se também terem efeito anestésico e narcótico, e serem capazes de, misturadas ao meimendro⁶ e à beladona⁷ provocar visões encantadoras, alucinações, loucura e até mesmo a morte." (Balbuena, 1994:141-142).

Segundo Neri Filho (1995), a literatura científica revela a existência do opium há mais de cinco mil anos antes de Cristo, e relacionado com a alegria e o divertimento entre os Sumérios. O cânhamo (maconha), além de outras substâncias com propriedades narcóticas e tóxicas, também era utilizado pelos egípcios.

Verifica-se, ainda, a utilização da folha da coca por sacerdotes Incas e nas atividades rotineiras de toda a sua comunidade. A planta era considerada um "presente divino". Os conquistadores espanhóis tentaram banir seu uso, mas perceberam que não era possível escravizar os Incas sem permitir o uso da coca. A partir daí, diz Cruz, *'a Igreja Católica passou, então, a cultivá-la e se tornou sua maior produtora. O interesse dos meios científicos europeus e americanos só surgiu muito tempo depois, quando em 1855, o alemão Albert Niemann isolou o alcalóide da coca que recebera, posteriormente, o nome de cocaína.'* (Cruz, M.S., 1996: 25-26).

Ao longo de toda a história da humanidade pode se constatar o consumo de várias drogas, tanto em usos mágicos e medicinais, como também simplesmente na busca do prazer que essas drogas proporcionam.

As duas fontes básicas de conhecimento das drogas foram a religião e a medicina. Entretanto, seu uso como fonte de prazer, destituído do cunho religioso e da utilidade medicinal deve ter precedido às demais formas, que surgiram como *"monopólio de certos atores ou como recurso sujeito à regulamentação social"* (Neri Filho, 1995:30).

⁴Goma resina aromática produzida por diversos arbustos da família do xisto (arbusto das regiões mediterrâneas cujos brotos secretam uma resina viscosa, chamada *laudanum*, empregada em perfumaria e na medicina), também chamados ladaníferos. Extrai-se o ládano sobretudo do xisto de Creta.

⁵Planta ornamental e venenosa, originária da Europa e da Ásia, da família das solanáceas, dotada de folhas grandes e bagas globosas e negras; medicinal, com propriedades diaforética. Seu alcalóide, a antropina, é de uso perigoso, sendo aproveitado na medicina, como dilatador da pupila e antiespasmódico.

⁶Gênero de plantas da família das solanáceas, muito usadas em feitiçaria na Antiguidade e na Idade Média, gênero de plantas cuja raiz bifurcada se assemelha vagamente a um pequeno boneco. A raiz da mandrágora servia, no passado, de talismã.

⁷Planta medicinal e tóxica, da família das solanáceas, nativa da Europa, que encerra vários alcalóides de grande atividade fisiológica, e cujas flores são grandes e vistosas; hiosciamo, velenho.

Podemos aqui citar o importante papel de Freud para a divulgação e desenvolvimento da polêmica sobre as drogas na Europa e nos Estados Unidos, tendo escrito vários textos sobre a cocaína, preconizando o seu uso em vários distúrbios psíquicos e, principalmente, no tratamento das depressões. Entretanto, não houve unanimidade no meio científico quanto ao uso médico das drogas, e várias pesquisas se desenvolveram no sentido de demonstrar seus efeitos deletérios, provocando em muitos governos a criação de leis de controle da venda e do uso.

Com o aprofundamento do conhecimento sobre os efeitos das drogas no organismo e sua ação sobre o comportamento humano, as sociedades passaram a utilizá-las em diferentes contextos e com finalidades variadas: desde o uso em rituais religiosos e mágicos, assim como também para a cura ou paliativos para doenças, até a sua utilização como estratégia de dominação e como fator político de alienação.

Joel Birman nos diz que *“desde o século XIX e no século XX, o consumo regular de drogas foi aumentando progressivamente na nossa tradição, mas sem colocar problemas maiores até os anos cinqüenta. O início dos anos sessenta indicou uma mudança significativa nos hábitos de consumo de drogas, na medida em que, pelo movimento da contracultura, se constituiu um novo ‘ethos’, onde as drogas passaram a ocupar uma posição estratégica. As drogas passaram a ser a forma privilegiada de acesso para um outro mundo, revelado na sua tessitura pelas transformações perceptivas provocadas pelas drogas (...). Entretanto, a ‘criminalização’ das drogas produziu uma inflexão decisiva neste universo, subvertendo o seu sistema de regras e de valores. A difusão social do seu consumo em escala assustadora foi um efeito direto deste processo de criminalização que teve no narcotráfico o seu agenciador fundamental no espaço social. Da condição inicial de ser um signo emblemático de uma visão de mundo ‘underground’, as drogas se inscreveram no circuito do comércio e das finanças internacionais. Enfim, as drogas se deslocaram do campo regulado pela ‘economia dos signos’ para o campo da ‘economia política’.* (Birman,J., 1993:59-60).

Como já foi dito anteriormente, na sociedade contemporânea a produção de novos valores, universalizados através dos meios de comunicação e associados às experiências históricas e culturais do indivíduo, produzem determinadas formas de expressão nos diferentes segmentos da sociedade. O desejo e/ou a necessidade de pertencer a uma ordem sócio-cultural mais ampla que aquela permitida pela realidade imediata, isto é, de seguir um "modelo" que tornou-se referencial para o conjunto da sociedade como "ideal de vida", pode levar o sujeito a adotar diferentes formas de comportamento, em busca da superação das fronteiras de um cotidiano que já não lhe satisfaz.

Segundo Bucher, a valorização unidimensional da produção do consumo, do

desempenho e da competição colocam em plano inferior o sentimento comunitário, a solidariedade e o afeto, frustando os desejos humanos, despersonalizando os indivíduos e reduzindo-os a parte de uma massa indiferenciada. Como consequência, verificamos uma série de conflitos conscientes e/ou inconscientes, a níveis social, individual e familiar, que geram no indivíduo um estado de tensão e excitação, podendo levá-lo à compulsão ao desafio. Frequentemente, encontramos o uso abusivo de drogas associado a esses conflitos, funcionando como um sintoma de um mal-estar maior. Esse fenômeno, diz Bucher, "*situa-se no centro dos conflitos da sociedade, produzido por ela e decorrente de seus modos desequilibrados e injustos de se organizar e se valorizar; não se trata de um problema periférico, localizado apenas nos subúrbios ou entre os desviantes da ordem pública.*" (Bucher, 1995: 38-46).

Olivenstein (1997), diz que as sociedades modernas tentam evitar suas crises através da planificação, criando mecanismos anti-angústia, como a psiquiatria, a psicanálise, as terapias de grupo, etc. Entretanto, esses recursos só favorecem uma pequena parcela daqueles que lutam contra a angústia, deixando de lado os menos privilegiados. Assim, diz o autor, "*é necessário inventar outros reguladores da angústia social, daí o desenvolvimento extraordinário da psicoquímica*" (1997:22). Olivenstein refere-se, ainda, ao encontro da angústia individual e da angústia coletiva, que se acentua cada vez mais, tendo em vista que "*diante de dificuldades econômicas e sociais, o grupo encarregado de proteger os cidadãos, o Estado, sacrifica certos grupos sociais. Sabemos, por exemplo, o quanto é traumatizante a negação do direito ao trabalho. Não será, portanto, paradoxal, assistirmos ao desenvolvimento de uma das últimas tentativas das pessoas encontrarem uma solução individual para a angústia. Esta tentativa, que é a droga, evolui de uma maneira que homologa uma nova 'lei da selva', com isto não permitindo à toxicomania tornar-se um encontro igualitário com o nirvana*" (1997:22).

Por outro lado, verificamos que, muitas vezes, mesmo aqueles mais privilegiados, que podem se beneficiar dos recursos anti-angústia mencionados pelo autor (psicanálise, terapias de grupo, etc.), lançam mão de outras alternativas, na tentativa de encontrar algo que os ajude a suportar aquilo que, para eles, é "insuportável". Neste cenário, a droga (lícita e/ou ilícita) surge como uma dessas alternativas, cujo impacto para o sujeito que a consome estará relacionado ao "lugar" que essa droga vai ocupar em sua vida. Desta forma, como a realidade atual nos mostra, o fenômeno do abuso de drogas não é um "privilégio" das classes menos favorecidas.

Segundo Garcia, "*o consumo de drogas deve ser encarado como um fenômeno essencialmente antropológico, na medida em que acompanha a evolução da humanidade,*

levantando questões relativas à ética, em termos de atitudes diante da vida, de valores e da responsabilidade pela própria conduta” (Garcia, 1996:6). E complementa, citando Bucher (1988): “Se se reduz a toxicomania à sua vertente psicopatológica, perde-se de vista a dimensão existencial do fenômeno, as suas raízes antropológicas, a sua propagação no mundo moderno em consequência de mudanças políticas, econômicas e culturais (...), bem como a sua íntima conexão com os padrões consumistas apregoados pelo sistema social dominante” (Bucher apud Garcia, 1996:6).

Para Freda (1997), *“o discurso capitalista define o sujeito pelo consumo: mais ele consome, mais ele é um homem. A única coisa que o consumidor esquece, é que a mais valia, o mais gozar, é sempre o capitalista que o devora. Não existe distribuição homogênea, este ponto escapa ao consumidor e faz dele um sujeito da ilusão” (1997:34).*

O fenômeno do abuso de drogas deve, portanto, ser contextualizado e analisado como pertencente a um conjunto ao qual pode estar integrado de modos distintos. Não devemos ignorar também que *“o uso de drogas por diferentes grupos só é possível nas nossas circunstâncias sócio-históricas, a partir da existência de redes nacionais e internacionais que expressam interesses políticos e econômicos. Assim, o fenômeno cultural apresenta a sua inevitável dimensão de poder” (Velho, 1993:277).*

Considerando esse contexto sócio-econômico-cultural mais amplo é que podemos, então, desenvolver um estudo mais rigoroso sobre esse fenômeno da atualidade. Assim, os problemas que o abuso de drogas traz hoje para o cenário social poderiam ser reduzidos, se fossem tratados sob uma outra ótica em relação ao seu consumo.

Uso e Abuso de Drogas: Conceitos X Singularidade

A descrição dos fenômenos relacionados ao uso das substâncias psicoativas vem sofrendo mudanças significativas desde 1919, quando, pela primeira vez, a Sociedade das Nações propôs conceitos oficiais sobre **toxicomania**, **estupefacientes** e **vícios**, associados aos **efeitos farmacológicos** das substâncias no organismo.

Na história desses conceitos, a Organização Mundial de Saúde (O.M.S.) fez várias propostas (1948, 1964, 1965), todas ainda relacionando o fenômeno da dependência às propriedades farmacológicas das substâncias. **A dimensão concedida ao sujeito e ao contexto sócio-cultural é mínima.**

A partir de 1970, a O.M.S. não propõe mais nenhum conceito oficial; entretanto, através de seus boletins, publica proposições conceituais de vários pesquisadores: Cameron (1971), Louria (1972), Feighner (1972), Wunnser (1974), Milkman (1982), entre outros.

A literatura científica apresenta, atualmente, dois tipos de dependência: a **dependência física** e a **dependência psíquica**. Na primeira, o organismo acostuma-se tanto à droga, que a sua falta provoca sintomas, conhecidos como **síndrome de abstinência**. A dependência psíquica é verificada nos casos em que o indivíduo não consegue viver sem os efeitos de uma determinada substância psicoativa e a consome com frequência, evitando com isso o mal-estar experimentado pela sua falta.

Segundo Trancredi (1982), *“algumas drogas podem causar um estado de dependência física, situação em que, se ocorrer uma privação, o organismo desenvolverá uma reação característica conhecida como ‘síndrome de abstinência’.* A dependência física resulta de um processo de adaptação do organismo à droga e independe da vontade do indivíduo. As síndromes de abstinência a algumas drogas são muito características, como no caso do álcool e da morfina e seus derivados. A abstinência do álcool provoca ansiedade, alterações cardiovasculares e tremores grosseiros nas mãos e na língua. Em estágios mais avançados de dependência pode desencadear um estado confusional onírico (*Delirium tremens*), onde, além dos sinais descritos acima, aparecem alucinações ou ilusões visuais, auditivas ou táteis, febre e colapso cardiocirculatório, podendo resultar em morte do indivíduo. Na síndrome de abstinência morfinica, aparecem ansiedade, dores generalizadas, insônia, sudorese, pupilas dilatadas, vômitos e diarreia, febre e alterações cardiovasculares graves” (1982:8).

Sobre a dependência psíquica, diz o autor: *“Trata-se de situação em que existe um impulso irrefreável que exige a administração da droga para produzir prazer ou evitar o mal-estar. Seguramente, é o aspecto mais importante a ser considerado em todos os casos de toxicomanias. A dependência psíquica indica a existência de alterações da personalidade que conduzem ou favorecem a aquisição e manutenção do hábito. Quando existe dependência psíquica sem dependência física concomitantemente, a síndrome de abstinência é menos grave e menos característica. Os sintomas mais característicos são a ansiedade, os tremores, as palpitações e a sensação de mal-estar. Outros sintomas também podem aparecer, mas os riscos de aparecimento de problemas cardiocirculatórios são menores, e a probabilidade de sobreviver a morte é muito pequena, exceto, é claro, se em decorrência de ansiedade o indivíduo tentar contra a própria vida”* (1982: 9).

Com o uso constante de certas substâncias psicoativas, o organismo reage através de um processo de adaptação biológica, chamado de **tolerância**. Assim, para obter os mesmos efeitos, é necessário aumentar a dosagem. Esse aumento pode levar a uma superdosagem (overdose), capaz de provocar morte súbita por parada respiratória ou cardíaca.

Devido às dificuldades em diferenciar os dois tipos de dependência (física e psíquica),

a O.M.S. recomenda hoje que se fale apenas de dependência, caracterizada (ou não) pela síndrome de abstinência.

Sobre as *formas de consumo de drogas*, encontramos na literatura algumas proposições. A UNESCO, propõe a seguinte classificação para usuários de drogas:

a) **Experimentador** : limita-se a experimentar uma ou várias drogas, em geral por curiosidade, sem dar continuidade ao uso;

b) **Usuário Ocasional**: utiliza uma ou várias substâncias, quando disponível ou em ambiente favorável, sem rupturas nas relações afetivas, sociais ou profissionais;

c) **Usuário Habitual** ou "**Funcional**": faz uso freqüente, ainda controlado, mas já se observa sinais de rupturas;

d) **Usuário Dependente** ou "**Disfuncional**" (toxicômano, drogadito, dependente químico): vive pela droga e para a droga, descontroladamente, com rupturas em seus vínculos sociais, com marginalização e isolamento.

O presente trabalho aprofunda um estudo sobre as duas primeiras categorias citadas pela UNESCO, ou seja, usuário experimental e usuário ocasional.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), está mais sujeito ao uso de drogas o indivíduo: a) **sem informações** adequadas sobre as drogas e seus efeitos; b) com uma **saúde deficiente**; c) **insatisfeito** com sua **qualidade de vida**; d) com **personalidade vulnerável** ou mal integrada; e) com **fácil acesso** às drogas.

Se considerarmos esse pressuposto como satisfatório, nas comunidades onde o acesso às informações e à educação é difícil, as condições básicas de saúde são bastante precárias, o ambiente é hostil e violento e o acesso às drogas faz parte do cotidiano, o que será que funciona como proteção para que indivíduos que experimentam drogas (lícitas e ilícitas) não se tornem dependentes dessas drogas? Na minha opinião, a resposta a essa questão tem a ver com algo que diz respeito à **singularidade**, da mesma forma que outras atitudes assumidas pelo sujeito diante de diferentes situações de sua vida.

Segundo Guattari, "*quando vivemos nossa própria existência, nós a vivemos com as palavras de uma língua que pertence a cem milhões de pessoas; nós a vivemos com um sistema de trocas econômicas que pertence a todo um campo social; nós a vivemos com representações de modos de produção totalmente serializados. No entanto, nós vamos viver e*

morrer numa relação totalmente singular com esse cruzamento. O que é verdadeiro para qualquer processo de criação é verdadeiro para a vida” (1996:69).

Portanto, tratar socialmente a questão do **uso** e do **abuso** de drogas (sejam elas lícitas ou ilícitas), a meu ver, significa compreender a complexidade das relações sociais estabelecidas nesse contexto, suas representações e significados, levando-se em consideração a história de vida do indivíduo, sua subjetividade, singularidade e visão de mundo. Além disso, deve-se buscar entender o lugar que a droga ocupa na vida desse indivíduo e na sociedade, e o tipo de relação que esse indivíduo e essa sociedade estabelecem com determinadas substâncias.

Considero que esses diferentes tipos de relação, na sociedade atual, devam ser pensados de forma multidisciplinar, tendo em vista a rede de fatores (sociais, econômicos, políticos, psicológicos, religiosos, históricos, etc) implicados no fenômeno, e levando-se em conta a forma como esses fatores atuam na *subjetividade* e no *processo de singularização* do indivíduo.

Para Guattari (1996), *“a subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares”*. (Guattari & Rolnik, 1996:33). O autor se refere à subjetividade como algo produzido pela “máquina capitalística”⁸ que atua tanto a nível individual quanto social. Ele diz *“... o que há é simplesmente uma ‘produção’ de subjetividade. Não somente uma produção da subjetividade individuada - subjetividade dos indivíduos - mas uma produção de subjetividade social, uma produção da subjetividade que se pode encontrar em todos os níveis da produção e do consumo. E mais ainda: uma produção da subjetividade inconsciente. A meu ver, essa grande fábrica, essa máquina capitalística produz inclusive aquilo que acontece conosco quando sonhamos, quando devaneamos, quando fantasiemos, quando nos apaixonamos e assim por diante”*.(1996:16).

A partir dessa argumentação, o autor propõe a idéia de que é possível desenvolver modos de subjetivação singulares, a que ele chama de **processos de singularização**: *“uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um*

⁸ Guattari acrescenta o sufixo “ístico” a “capitalista” por lhe parecer necessário criar um termo que possa designar não apenas as sociedades qualificadas como capitalistas, mas também setores do Terceiro Mundo ou do capitalismo “periférico”, assim como as economias que até algum tempo atrás eram ditas socialistas, mas que na verdade viviam numa espécie de dependência e contra-dependência do capitalismo. Segundo Guattari, do ponto de vista do modo de produção da subjetividade, todas essas sociedades funcionam segundo uma mesma cartografia do desejo no campo social, uma mesma economia libidinal-política.

desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos” (Guattari & Rolnik, 1996:17).

Assim, pode-se pensar que as diferentes formas de relação sujeito/droga, verificadas no atual cenário social, expressam singularidades construídas a partir do vivido no cotidiano de cada indivíduo, influenciadas por fatores que funcionam ora como “protetores”, ora como “de risco” para a sua saúde e para a sua vida.

Richard Bucher diz que “*o uso de drogas não leva, automaticamente a estados de dependência. Passa-se ao abuso com a perda de controle sobre o uso, em consequência de certas dificuldades (fatores de risco), que variam de pessoa para pessoa, mas também do contexto social e familiar”* (1995:10).

Já para Nuno Miguel (1997), “*quanto mais uma pessoa é capaz de encontrar prazer de forma que qualifico de elaborada, mediatizada, mais protegida está em relação à tentação de procurar o prazer automático, imediato e manipulado das substâncias ou à possibilidade de ficar dele dependente quando o experimenta”*. (Miguel, N. 1997:72). Ele considera como **fatores protetores** importantes, quatro formas de prazer: “*a) o gostar de si próprio, a auto-estima, o sentir-se bem na sua pele e ser capaz de tomar decisões; b) o prazer da relação aprofundada com os outros, da relação de intimidade e o prazer da relação de solidariedade; c) o viver em harmonia com o desenrolar do tempo, saber ocupar-se, divertir-se ou mesmo não fazer nada e não se aborrecer; d) e por último, o prazer do futuro, dos projetos, ser capaz de experimentar, de certa forma, já hoje, o prazer que se imagina para o futuro, não viver em função do presente, do prazer imediato, mas ser capaz de ter sempre presente também o futuro”* (Miguel, N. 1997:72). Para o autor, a promoção desses fatores protetores implica, necessariamente, em mudanças estruturais. Diz ele: “*É preciso que nos interroguemos se na vida familiar, na educação, na escola, nos locais de habitação, nos empregos, nas redes sociais, nas leis, na participação política, esses fatores são promovidos ou se, pelo contrário, são contrariados”* (Miguel, N. 1997:73).

Faço aqui, duas considerações. Primeiramente, acho pouco provável que, na nossa cultura, um adolescente, por exemplo, tente buscar formas de prazer *elaboradas e mediatizadas*. Este tipo de comportamento requer, ao meu ver, uma maturidade emocional que o adolescente ainda não alcançou. “*O adolescente questiona a conhecida vida familiar, os conceitos tradicionalmente aceitos, as regras e padrões pré-estabelecidos, em busca de algo que seja realmente seu”* (Kalina & Grynberg, H. 1974: 14). “*Esta é uma fase que precisa ser efetivamente vivida, e é essencialmente uma fase de descoberta pessoal. Cada indivíduo vê-se engajado numa experiência viva, num problema do existir”* (Winnicott, D.W.,

1993:115). É um período de experiências, dúvidas, questionamentos e comportamentos contraditórios. E é, muitas vezes, nesse momento que ocorre a primeira experiência com as drogas (lícitas e/ou ilícitas), que não necessariamente leva o adolescente ao uso abusivo ou à dependência. O que vai determinar a *qualidade* desse uso será a relação que esse adolescente, a partir daí, vai estabelecer com a substância experimentada. Por outro lado, essa relação, assim como outras que serão estabelecidas ao longo de sua vida, inclusive na busca de *formas de prazer*, deverão variar conforme a singularidade de sua história de vida.

Sobre os *fatores de risco*, Eisenstein (1993) os define como: “*elementos, características ou circunstâncias detectáveis de uma pessoa ou de um grupo de pessoas, com grande probabilidade de desencadear ou associar-se ao desencadeamento de um determinado evento indesejado, ou maior chance de adoecer ou morrer. Assim, fator de risco não é necessariamente o fator causal. Quando o fator de risco não é a causa do evento, ele é chamado ‘modulador’ ou ‘marcador’, porque ele marca ou influencia o aumento da probabilidade da ocorrência do agravo*”(1993:18). A autora diz também que “*os fatores de risco podem ser indicadores ou causas associadas ao agravo e sua importância se estabelece porque podem ser observados ou identificados antes da ocorrência do fato que predizem. Usualmente, não existe uma relação direta e fechada entre um fator de risco e um determinado evento. Existe, sim, uma associação de causas e efeitos múltiplos que interagem ou estão associados ao aumento da probabilidade ou ao desencadeamento do dano*”(1997:40).

Eisenstein refere-se, ainda, a **fatores protetores** como sendo “*mecanismos conscientes ou inconscientes de adaptação e recursos pessoais ou sociais que atenuam ou neutralizam o impacto do risco*” (1993:19-20). Ela ressalta a importância do fortalecimento dos fatores protetores e da prevenção dos fatores de risco para a preservação da saúde integral de um indivíduo ou de um grupo social.

Considero que o debate sobre *fatores de risco* e *fatores protetores* é de extrema importância, não só para o estudo da problemática do abuso de drogas, como também para todo o campo da saúde pública, exigindo, inclusive, estudos epidemiológicos bem consistentes e fundamentados. Entretanto, por questões metodológicas, tendo em vista o recorte privilegiado no presente trabalho, não cabe aqui o aprofundamento da referida discussão.

O que esta proposta introduz é uma reflexão sobre formas singulares da relação sujeito-droga-contexto social, privilegiando o papel da família como *produtora* e *transmissora* de experiências que funcionam como proteção ao indivíduo, influenciando na qualidade do consumo dessas drogas.

Segundo Winnicott (1993), o indivíduo só atinge sua maturidade emocional num contexto em que a família proporciona um caminho de transição entre o cuidado dos pais e a vida social. Considero, entretanto, que o processo de amadurecimento emocional não está restrito apenas ao contexto familiar, tendo, portanto, outras variáveis. Contudo, reconhecendo a importância do papel da família na vida do sujeito, na medida em que “facilita” (ou não) seu crescimento e amadurecimento emocional, e, considerando a forma de se relacionar com as drogas (assim como com tantas outras situações em sua vida) como uma atitude de responsabilidade consigo mesmo, julguei pertinente, para melhor compreender essa relação, um estudo mais aprofundado e particular das relações destes indivíduos com suas famílias. Nesse estudo estão sendo privilegiadas as experiências de **afeto/auto-estima, responsabilidade e reconhecimento de limites.**

V. METODOLOGIA DA PESQUISA

A. Natureza da Pesquisa

O estudo foi desenvolvido a partir da abordagem qualitativa, privilegiando as relações familiares de indivíduos que experimentaram e/ou usam eventualmente drogas lícitas e/ou ilícitas.

“A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, M.C.S. et al., 1994:21-22).

Trabalhando com o método “história de vida”, que possibilita localizar o ator social dentro de um contexto sócio-histórico, busquei analisar as relações entre acontecimentos individuais e processos histórico-sociais, levando em consideração o vivido no cotidiano familiar dos indivíduos entrevistados.

Berteaux (1982) refere-se à “história de vida” como um método, onde identifica-se em cada história traços singulares, porém, alguns pontos se repetem, de alguma forma, em todas elas. À medida que a proporção do novo em relação ao já conhecido diminui, encontramos diante de um processo de “saturação”. Assim nos deparamos, cada vez mais, com elementos de um mesmo padrão nas histórias de vida de indivíduos distintos, o que, segundo o autor, pode ser considerado como uma característica estruturante do processo (Berteaux apud Vaitsman, 1994).

Para Cruz Neto (1994), a história de vida é uma *“estratégia de compreensão da realidade, sua principal função é retratar as experiências vivenciadas, bem como as definições fornecidas por pessoas, grupos ou organizações”* (1994:58).

Meu objetivo neste trabalho foi tentar identificar nas histórias de vida do grupo entrevistado, fatores ligados às relações familiares, que possam ser considerados como “protetores” para a não adicção às drogas experimentadas.

B. Critérios para a Seleção dos Entrevistados

Tendo em vista o perfil dos indivíduos que procuram tratamento para o abuso de drogas na instituição onde trabalho (NEPAD/UERJ), cujas principais características são: classe média-baixa, adultos jovens (idade média de 24 anos), mal inseridos no mercado de trabalho, do sexo masculino e solteiros, estabeleci os seguintes critérios para a definição do grupo estudado:

- Indivíduos que experimentaram ou usam eventualmente drogas lícitas (álcool e psicofármacos) e/ou ilícitas (maconha, cocaína, etc), selecionados em uma comunidade, onde eu já desenvolvia outras atividades, já tendo, portanto, vínculos de credibilidade e confiança estabelecidos;
- Indivíduos com idades superiores a 25 anos (faixa etária proposta a partir da média de idade de indivíduos com história de dependência de substâncias psicoativas, atendidos no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - NEPAD/UERJ).
- Indivíduos de ambos os sexos;

No presente estudo não foram considerados indivíduos com história de uso somente de tranquilizantes, tendo em vista a constatação pela prática clínica de casos (não raros) de estabelecimento de dependência à essas substâncias em idades mais avançadas.

C. A Comunidade Investigada

O grupo estudado pertence a uma comunidade considerada de baixa renda e localizada no bairro do Leblon, logo, na Zona Sul do Rio de Janeiro: a Cruzada São Sebastião.

A referida comunidade tem peculiaridades em seu processo de organização, que merecem ser mencionadas.

Sua constituição se deu a partir da desocupação, há cerca de 40 anos atrás (1957), do espaço ocupado pela antiga “Favela da Praia do Pinto”, também no Leblon, para a construção de um condomínio, hoje conhecido como “Selva de Pedra”.

Para solucionar o problema das famílias moradoras da favela, que ficaram sem as suas casas e sem ter para onde ir, a Arquidiocese do Rio de Janeiro, através do então Arcebispo D. Elder Câmara, conseguiu a doação pela Marinha, de um terreno para a construção de novas moradias para essas pessoas.

Com material e mão de obra também doados por empresas do ramo da construção civil, foram construídos dez blocos de apartamentos com sete andares cada um, organizados da seguinte forma:

. Apartamentos de 2 quartos: 3 blocos x 42 apartamentos por bloco = 126 apartamentos;

. Apartamentos de quarto e sala: 4 blocos x 84 apartamentos por bloco = 336 apartamentos;

. Apartamentos conjugados: 3 blocos x 161 apartamentos por bloco = 483 apartamentos.

Desta forma, existem em todo o conjunto 945 apartamentos.

Esses imóveis não foram doados às famílias e sim vendidos, através de financiamento em 15 anos, obedecendo o seguinte critério:

. Apartamentos de 2 quartos: prestações de 15% do salário mínimo, durante 15 anos;

. Apartamentos de quarto e sala: prestações de 12% do salário mínimo, durante 15 anos;

. Apartamentos conjugados: prestações de 10% do salário mínimo, durante 15 anos.

Até 1982, os moradores, embora já tivessem quitado suas dívidas, não tinham a escritura de seus imóveis, apenas o direito de uso. Nessa época, então, a Arquidiocese do Rio de Janeiro passou a propriedade do terreno para a COHAB (Instituição que na época era responsável pela construção de casas populares), para que pudesse ser cobrado dos moradores

o valor correspondente à venda das frações do terreno onde o conjunto fora construído. Essa cobrança foi feita em 10 prestações, e só após sua quitação, os moradores puderam ter a escritura de seus imóveis.

As famílias foram distribuídas pelos apartamentos, a priori, conforme o número de pessoas que as constituíam. Entretanto, com o tempo, as famílias foram crescendo e algumas permaneceram na mesma moradia. Assim, o que se verifica, hoje, são famílias numerosas (cerca de 15 pessoas) habitando espaços de aproximadamente 30 metros quadrados. Isso faz, entre outras coisas, com que o local se apresente como uma “festa de rua” permanente, tendo em vista que muitas pessoas, ao invés de ficarem em suas casas, preferem permanecer a maior parte do tempo na rua, se recolhendo apenas para comer e dormir. Atualmente, a comunidade é composta de aproximadamente 6.000 pessoas.

Existem outros casos em que, a medida que as famílias foram crescendo, seus descendentes ao constituir uma nova “família nuclear”, compraram apartamentos de outras pessoas dentro da própria comunidade, permanecendo, portanto, no mesmo contexto social. Isso proporcionou o compartilhamento do cotidiano pelo grupo familiar maior, a que podemos chamar de convivência em “família ampliada”.

Cláudia Fonseca (1989), desenvolveu um estudo sobre a dinâmica familiar em grupos de baixa renda, em uma vila porto alegre no início do século e, entre outras coisas, constatou que *“a família popular de então não se apresentava na forma de uma unidade doméstica bem delimitada, autocontida, preenchendo todas as funções domésticas que atribuímos a ela na literatura sociológica contemporânea. Muito pelo contrário, era perpassada por outros grupos que competiam pelas lealdades dos seus membros, criando uma dinâmica social que tinha pouco em comum com o modelo nuclear moderno. (...) A coesão do grupo consangüíneo, embora fundamentada na solidariedade entre ascendentes e descendentes, não se limitava a isso. (...) As unidades nucleares se diluíam nesses grupos consangüíneos, onde as lealdades fortes e duradouras contrastavam com a precariedade do laço conjugal (1989:104-105).*

Na comunidade onde o presente estudo foi desenvolvido, podemos constatar, através dos depoimentos dos entrevistados, uma dinâmica familiar semelhante à referida por Cláudia Fonseca (1989) em seu estudo. Voltaremos a esse assunto mais adiante.

A mudança (da favela para os apartamentos) significou, para muitos, uma melhoria de vida, considerando que diferentemente da favela, ali as moradias são de concreto (e não de madeira), e existe água encanada, esgoto, eletricidade, etc. Enfim, as condições básicas de saúde são visivelmente melhores que aquelas vivenciadas anteriormente. Entretanto, nota-se que o comportamento de algumas pessoas, no que diz respeito à limpeza, higiene, etc., faz

com que o lugar seja considerado, não só pela vizinhança como também por alguns moradores da própria comunidade, como uma “favela de concreto”.

Um outro ponto considerado importante por alguns entrevistados, foi a possibilidade de algumas mulheres, que tinham que se ausentar de casa por muitas horas ou, às vezes, durante toda a semana por conta da necessidade de trabalhar, estabelecerem pequenos comércios e/ou outras atividades dentro da comunidade, que garantiam sua sobrevivência e de suas famílias. Além disso, o fato dessas atividades serem desenvolvidas dentro da própria comunidade, permitia-lhes, ao mesmo tempo, trabalhar e cuidar de seus filhos.

A construção do conjunto habitacional incluiu, além dos apartamentos, uma escola, uma igreja e um posto policial. Hoje, também já existem uma creche, um grêmio esportivo e uma associação de moradores bastante atuante, no que diz respeito aos interesses da comunidade.

Devido à atuação da Igreja na solução do problema criado com a desocupação da favela, existe uma predominância da religião católica. Entretanto, como vem ocorrendo em várias outras comunidades, as religiões chamadas “evangélicas” vem, atualmente, conquistando um espaço cada vez maior. Isso, porém, não parece representar, pelo menos por enquanto, uma ameaça ao poder que a igreja ainda tem sobre a população local.

Quanto às atividades profissionais, a maioria das pessoas exercem funções como porteiro, pedreiro, lavadeira, passadeira, empregada doméstica, etc. Entretanto, existem também entre os moradores, alguns profissionais de nível médio (auxiliar de enfermagem, técnico em eletricidade, etc.), professores, psicólogos e outros profissionais de nível superior.

Hoje, quase 90% das pessoas que constituem a comunidade são negras. Este fato, segundo os próprios moradores, influencia no desenvolvimento de atividades culturais e de lazer que, quase sempre estão ligadas ao esporte, à dança, à música e à outras artes.

Percebe-se um certo orgulho quando se referem a pessoas, atualmente bastante conhecidas publicamente, e que nasceram e/ou viveram boa parte de suas vidas na Cruzada São Sebastião. É o caso, por exemplo, do jogador de futebol Adílio e da atriz e cantora Zezé Motta.

Como poderá ser visto nos depoimentos dos entrevistados, apesar de algumas críticas a determinados aspectos do cotidiano da comunidade, a maioria deles gosta de estar morando nela.

D. As Entrevistas

Considerando a minha inserção anterior na referida comunidade, não foi difícil conseguir de pessoas que já tinham comigo uma relação de confiança, a colaboração na indicação de indivíduos elegíveis para o estudo.

Foram entrevistados sete indivíduos, sendo seis do sexo masculino e apenas um do sexo feminino. É interessante registrar aqui o fato de que o número de mulheres que admitiram ter alguma experiência com drogas foi bem inferior ao de homens, além delas terem se mostrado muito mais resistentes em falar de suas vidas do que eles.

Provavelmente, esse fenômeno, também verificado no universo de dependentes de drogas que buscam tratamento, esteja relacionado a um comportamento machista que ainda *“permite ao homem uma liberdade e um certo grau de irresponsabilidade para com a família muito maior, uma complacência em relação a um direito adquirido”* (Aquino,1997:43). Diz a autora: *“Desde o Código Hamurabi, a mulher que usa drogas - no caso o álcool - é vista sob um esteriótipo de mulher ‘decaída’, irresponsável, incapaz de cuidar da família e dos filhos. Condenada ao sofrimento pelo estigma social, a mulher que tem apego por uma droga, vê-se obrigada a consumi-la às escondidas, com medo das acusações e até das perseguições legais que sofre por conta de sua adição. Este estigma traz importantes barreiras para o tratamento, aconselhamento médico e social, informações sobre nutrição adequada, etc.”* (1997:43).

No desenvolvimento do trabalho de campo, algumas dificuldades encontradas merecem ser mencionadas:

a) Mesmo já tendo inserção anterior na comunidade estudada, devido à rede de problemas que envolve o tema “drogas”, e levando-se em consideração o contexto em que o estudo foi realizado, não foi muito fácil encontrar pessoas dispostas a falar sobre suas experiências;

b) Tendo em vista a realidade do universo investigado, algumas vezes, entrevistas já agendadas tiveram que ser adiadas, pelo fato de que em “certos momentos” não era “aconselhável” a presença, na comunidade, de pessoas que não fossem moradores, pois o clima encontrava-se tenso e impróprio para a abordagem do tema em questão. Esses

imprevistos não só retardaram o estudo, como também acarretaram a perda de alguns depoimentos.

c) Nas entrevistas realizadas, os depoimentos sobre o consumo do álcool fluía com muito mais espontaneidade do que aqueles que se referiam ao consumo das drogas consideradas ilícitas (maconha e cocaína). A princípio, a referência ao consumo dessas drogas era sempre feita na 3ª pessoa (as pessoas que usam..., aqueles que consomem...). Somente após algum tempo de conversa, os entrevistados passavam a falar de seu próprio consumo. Isso demonstra uma atitude cuidadosa e/ ou mesmo preconceituosa dos próprios usuários com relação às drogas ilícitas.

E. Técnicas e Instrumentos Utilizados

O estudo foi desenvolvido a partir de entrevistas individuais, combinando história de vida com perguntas abertas e orientadas por um roteiro. Para registro das falas dos entrevistados foi utilizado o recurso da gravação em cassete, com autorização dos entrevistados.

Segundo Cruz Neto (1994), a entrevista é uma técnica que *se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala*. Por outro lado, também *serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico* (Cruz Neto: 1994, 57). Para o autor, a entrevista *“não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada”* (1994:57).

F. Exposição dos Dados

Considerando que o referido estudo contém relatos sobre o comportamento dos entrevistados com relação a uma prática proibida por lei - o consumo de drogas ilícitas - foi mantido o anonimato dos depoentes, como é comum em pesquisas qualitativas. Entretanto, em alguns depoimentos, são identificadas as idades dos entrevistados, e em outros, são fornecidos dados considerados importantes para o a enriquecimento da análise. Essas referências, contudo, não possibilitam a identificação dos depoentes.

O quadro a seguir contém algumas informações sobre o grupo entrevistado.

Informações	Nº de Entrevistados
<input type="checkbox"/> Sexo <ul style="list-style-type: none"> • Masculino • Feminino 	 6 1
<input type="checkbox"/> Estado Civil <ul style="list-style-type: none"> • Casado • Solteiro 	 1 6
<input type="checkbox"/> Idade <ul style="list-style-type: none"> • 20 anos • Entre 25 e 30 anos • Entre 31 e 40 anos • Acima de 40 anos 	 1 3 2 1
<input type="checkbox"/> Escolaridade <ul style="list-style-type: none"> • 3º Grau Incompleto • 2º Grau Completo • 1º Grau Completo • 1º Grau Incompleto 	 1 2 1 3
<input type="checkbox"/> Com quem mora atualmente <ul style="list-style-type: none"> • Com os pais • Só com a mãe • Com a avó • Com a mulher e filhos • Com as irmãs 	 3 1 1 1 1
<input type="checkbox"/> Residência <ul style="list-style-type: none"> • Própria • Alugada 	 7 0
<input type="checkbox"/> Tipo de Residência <ul style="list-style-type: none"> • Apartamento de 3 quartos • Apartamento de 2 quartos • Apartamento de 1 quarto 	 1 2 4
<input type="checkbox"/> Renda Familiar <ul style="list-style-type: none"> • Aproximadamente 10 salários mínimos • Mais de 10 salários mínimos • Não soube informar 	 3 2 2
<input type="checkbox"/> Atividades <ul style="list-style-type: none"> • Só trabalham • Trabalham e estudam • Atualmente desempregados 	 4 1 2

<input type="checkbox"/> Idade do Primeiro Emprego <ul style="list-style-type: none"> • 11 anos • 14 anos • 15 anos • 16 anos • 17 anos 	<p style="text-align: right;">1</p> <p style="text-align: right;">3</p> <p style="text-align: right;">1</p> <p style="text-align: right;">1</p> <p style="text-align: right;">1</p>
<input type="checkbox"/> Começou a trabalhar por <ul style="list-style-type: none"> • Pressão dos pais • Necessidade de ajudar nas despesas de casa • Desejo de ser independente 	<p style="text-align: right;">3</p> <p style="text-align: right;">2</p> <p style="text-align: right;">2</p>
<input type="checkbox"/> Tempo de moradia na Comunidade <ul style="list-style-type: none"> • Nasceram na Comunidade • Há 40 anos 	<p style="text-align: right;">6</p> <p style="text-align: right;">1</p>
<input type="checkbox"/> Gosta de morar na Comunidade <ul style="list-style-type: none"> • Sim • Não • Indiferente 	<p style="text-align: right;">5</p> <p style="text-align: right;">1</p> <p style="text-align: right;">1</p>
<input type="checkbox"/> Desejo de morar em outro lugar <ul style="list-style-type: none"> • Sim • Não • Depende do lugar 	<p style="text-align: right;">3</p> <p style="text-align: right;">1</p> <p style="text-align: right;">3</p>
<input type="checkbox"/> Composição da Família de Origem <ul style="list-style-type: none"> • Entrevistado, mãe e sete irmãos • Entrevistado, pai, mãe e três irmãos • Entrevistado, avós, tios e dois irmãos • Entrevistado, mãe, avó e tio • Entrevistado, pai, mãe e seis irmãos • Entrevistado, mãe e cinco irmãos • Entrevistado, pai, mãe e cinco irmãos 	<p style="text-align: right;">1</p> <p style="text-align: right;">1</p> <p style="text-align: right;">1</p> <p style="text-align: right;">1</p> <p style="text-align: right;">1</p> <p style="text-align: right;">1</p> <p style="text-align: right;">1</p>
<input type="checkbox"/> Cuidados na Infância <ul style="list-style-type: none"> • Pai e mãe • Mãe • Avó materna • Avós maternos • Mãe e irmão mais velho • Mãe e irmã mais velha 	<p style="text-align: right;">2</p> <p style="text-align: right;">1</p> <p style="text-align: right;">1</p> <p style="text-align: right;">1</p> <p style="text-align: right;">1</p> <p style="text-align: right;">1</p>
<input type="checkbox"/> Chefe da Família <ul style="list-style-type: none"> • Pai • Mãe • Avô • Avó • Irmão mais velho 	<p style="text-align: right;">2</p> <p style="text-align: right;">2</p> <p style="text-align: right;">1</p> <p style="text-align: right;">1</p> <p style="text-align: right;">1</p>

VI. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Semelhanças X Diferenças

Trabalhando com a história de vida de indivíduos de uma mesma comunidade, pude constatar elementos comuns, bem como pontos singulares na trajetória de vida dos entrevistados. As peculiaridades verificadas no processo de organização da comunidade – transferência da favela para apartamentos construídos “no asfalto”, conforme já mencionado anteriormente - parecem ter influenciado de forma significativa nas experiências vividas pelos indivíduos, contribuindo, conseqüentemente, para a produção de modos de subjetivação específicos.

Primeiramente, gostaria de pontuar algumas observações sobre semelhanças e diferenças encontradas na história de vida dos entrevistados:

a) Todos moram em apartamentos próprios, distribuídos em “blocos” (do tipo conjunto habitacional), tendo sido criados ou passado a maior parte de suas vidas na mesma comunidade, logo, vivenciando o cotidiano de um mesmo contexto sócio, cultural e econômico;

b) A maioria (5 entrevistados) tem renda familiar igual ou superior a 10 salários mínimos, o que não é considerado baixa renda. Dois dos entrevistados não souberam responder a essa questão;

c) Todos começaram a trabalhar com idade inferior a 18 anos, logo, ainda menores. Entretanto, 3 se referiram ao trabalho precoce como sendo conseqüência da pressão dos pais, 2 como sendo uma necessidade de ajudar nas despesas da casa e 2 como um desejo de ser independente;

d) Quanto aos cuidados recebidos na infância, 2 dos entrevistados relataram terem sido criados pelos pais biológicos, 1 pela mãe somente, 1 pela avó materna, 1 pelos avós maternos, 1 pela mãe e pelo irmão mais velho e 1 pela mãe e pela irmã mais velha;

e) Quando se referiam ao “*chefe da família*”, 2 depoentes falavam do pai, 2 da mãe, 1 da avó, 1 do avô e 1 do irmão mais velho.

Família Formal X Família Real

No que diz respeito às referências familiares, é importante notar que os discursos, em sua maioria, reforçam a idéia de que o “*sentido de família*” que é introjetado pelos indivíduos independe de qualquer norma ou critério legal que caracterizam a chamada “*célula familiar*”.

A seguir, alguns relatos sobre o significado de família para os entrevistados:

“Família para mim é a união das pessoas que vivem na mesma casa. Se não tiver união entre as pessoas, parece que não são pessoas, mas sim um monte de bichos...”. (entrevistado criado pela mãe e pelo irmão mais velho).

“Eu não posso dar um conceito muito bom sobre família, porque a minha família não é bem uma família... A gente não conversa, não debate nada... As pessoas da minha casa são muito individualistas... Então, eu não tenho um conceito do que seja uma família bem estruturada, que senta, que conversa, que almoça e janta junto...Eu não tenho um conceito de família porque eu não vivi isso”. (entrevistado criado pelos pais biológicos).

“Família para mim é a união de um grupo de pessoas que, por acaso, estão juntas debaixo do mesmo teto. Pessoas que têm preocupações em comum em prol de alguma coisa. Por acaso, pessoas são colocadas debaixo do mesmo teto, e se gostam muito, e se querem muito bem... E é aí que começa a família... É o bem querer que essas pessoas têm umas pelas outras...”. (entrevistado criado pelos pais biológicos).

“Família são os parentes que a gente tem”. (entrevistado criado pela avó materna).

“Família é a união de pais, filhos, irmãos... Isso é família para mim”.(entrevistado criado pelos pais biológicos).

“Família para mim é todo mundo junto. Por exemplo, antigamente, quando os meus avós eram vivos e eu morava com eles, ficava todo mundo junto... Agora, lá em casa, está tudo diferente... Vai cada um para um lado...Assim não é família... Família para mim é a união, é todo mundo junto... E eu, muitas vezes, hoje, sinto falta disso...” (entrevistado criado pelos avós).

As falas mostram que, o significado de “família” para os depoentes ultrapassa os laços sanguíneos e se sustenta numa relação de união, de afeto, de solidariedade, de “*intimidade partilhada*”, como diz Kalina & Kovadloff (1980).

É importante ressaltar que nenhum dos depoentes refere-se a família como sendo um grupo organizado através de uma “estrutura triangular” (pai, mãe e filho), como se tornou característico na família contemporânea. Quando eles falam da família, incluem pais, irmãos, avós, tios, primos, etc. Verifica-se, assim, que existe uma predominância daquilo que chamamos anteriormente de “*família ampliada*”.

Contexto X Singularização

O cotidiano vivenciado pelos indivíduos da comunidade revela situações de conflito, tanto a nível individual quanto coletivo, tendo em vista sua inserção num bairro considerado de classe média-alta (Leblon). Considerando o contexto maior, a convivência com uma realidade completamente diferente, em termos de condições sócio-econômicas, acarreta, muitas vezes, comportamentos e atitudes de discriminação e preconceito, tanto de um lado (comunidade) quanto do outro (vizinhança). Alguns depoimentos deixam isso claro:

“Foi muito difícil eu arranjar um emprego aqui. Primeiro porque eu morava na Cruzada, depois porque eu sou preto. (...) Naquela época, ninguém empregava as pessoas que moravam aqui, porque diziam que todo mundo roubava...Até que um dia eu encontrei uma pessoa que confiou em mim, independente do lugar que eu morava e da minha cor, e me deu um emprego. Eu sou muito grato a essa pessoa e, até hoje nós somos amigos...”

“Eu não gosto de morar aqui porque as pessoas são muito mal educadas... Aqui é bem localizado, tem tudo para ser um lugar legal, mas 80 % das pessoas que moram aqui, não sabem dar valor ao lugar. Eles fazem disso aqui uma favela horrível...(...) Eu gostaria de morar em outro lugar fora daqui, mas que fosse aqui no Leblon mesmo...”

“Bom, eu gosto de morar aqui porque foi aqui que eu fui criado. Apesar de ser considerada como favela, eu acho que em relação às outras favelas, o ambiente aqui não é dos piores...Eu acho que consideram a comunidade como favela por causa da classe econômica das pessoas que moram aqui...”

“Eu fui criado aqui e me adaptei às coisas por aqui... Mas, se eu pudesse, eu sairia daqui, porque, hoje em dia, não é mais como há dez anos atrás, por exemplo... Agora, as coisas são feitas às claras, na frente de todo mundo... Coisas que deveriam ser mais escondidas...”

“Aqui tem poucas opções de lazer para os adolescentes... Os lugares que existem aqui perto são muito caros e, além da limitação financeira, tem também a dificuldade em fazer amizades fora daqui porque as pessoas são muito preconceituosas com a gente...” Então, uma das poucas diversões para os adolescentes daqui é a praia...”

“Eu e meus irmãos não paramos muito aqui dentro... A gente tem amigos aqui, é lógico, mas a gente não convive aqui dentro. A gente vive num mundo totalmente fora disso aqui. Apesar de morar aqui, o nosso convívio é fora daqui... A maioria dos nossos amigos são de fora daqui...”

“Todos os meus amigos eram muito bem tratados pela minha família, até porque eles eram bem diferentes da maioria do pessoal daqui. Apesar de alguns morarem aqui, eram pessoas que não conviviam aqui dentro... Nossa vida era praia, pegar ondas, matinê fora daqui...”

“Eu adoro a Cruzada São Sebastião. Adoro muito mesmo. Tudo que acontece aqui na comunidade, eu faço questão de participar, de estar informado, estar junto nas questões da Cruzada. Agora, eu vou morar em um outro lugar por um tempo... Não vou vender meu apartamento, porque se eu não gostar do outro lugar, eu volto para cá. Mas eu não vou sair por não gostar daqui. Eu só quero experimentar o que é morar em outro lugar. Eu tenho essa curiosidade... Eu vivi a minha vida toda aqui, e agora eu quero saber o que é morar em outro lugar. Eu quero saber como é a ‘organização’ fora daqui...”

“Eu gosto de morar aqui porque eu fui criado aqui. E eu só mudaria se fosse para morar em outro lugar por aqui mesmo, tipo na Vieira Souto... Mas, sair daqui, para morar num desses lugares, tipo Méier, ou outro bairro desses da ‘classe média’, eu não iria mesmo...”

Verifica-se, através desses depoimentos, diferentes formas de lidar com um cotidiano que, por vezes, apresenta situações bastante contraditórias, no que se refere ao contexto sócio-

econômico. Ao mesmo tempo que encontramos pessoas que se adaptam a realidade local, aceitando as limitações e se relacionando com o contexto de uma forma particular, outras demonstram um desejo de não fazer parte desse contexto, numa tentativa, na minha opinião, de “*excluírem-se da exclusão*” a que, segundo eles, estariam sujeitas as outras pessoas da comunidade.

Quanto a determinadas situações, a princípio semelhantes, verifica-se, através dos depoimentos dos entrevistados, formas também variadas de vivenciá-las. A seguir, dois entrevistados falam de situações “parecidas”, vivenciadas por seus irmãos mais velhos:

“Se eu fizer uma comparação entre eu (35 anos) e meu irmão mais velho (57 anos), que é alcoólatra e acho que também é dependente de cocaína, eu percebo que eu vivi numa casa muito mais ‘organizada’ do que ele. Ele viveu na favela da Praia do Pinto, quando a minha mãe estava no início da vida. Ele foi o primeiro dos quatro filhos... Passou fome... Viveu muito sozinho, porque a minha mãe tinha que trabalhar e ele ficava sozinho. Ele tinha que ‘se virar’ para comer, para se defender... Foi uma vida totalmente diferente da que eu tive. Quando eu nasci, minha família já morava aqui na comunidade... Eu convivi muito pouco com ele porque logo depois que eu nasci, ele rompeu com a família e foi viver a vida dele. Então, hoje, eu penso que a família que ele teve não foi a mesma que eu tive, embora fosse composta pelo mesmo pai e pela mesma mãe... Mas a situação era diferente... O momento era outro”.

“Meu irmão mais velho tem hoje 47 anos e morou na favela da Praia do Pinto. E foi ele quem ajudou a minha mãe a criar os outros cinco filhos. Ele começou a trabalhar com 9 anos de idade... Eu poderia dizer que ele sofreu muito... Passou necessidades... Mas ele conseguiu fazer com que a gente não sentisse falta de um pai... Ele foi nosso verdadeiro pai...”.

Pode-se perceber, então, que os indivíduos em questão (irmãos dos entrevistados) vivenciaram e se relacionaram de formas diferentes, com situações *aparentemente* semelhantes. Digo *aparentemente* porque, à medida que cada indivíduo se relaciona com um determinado evento e adota um comportamento particular diante dele, esse evento se transforma em algo diferente, algo singular. Ou seja, a situação não é mais a mesma de antes, porque ela está em relação com um sujeito que a vivencia de um modo particular. Nos casos apresentados, a situação de pobreza e miséria foi vivenciada diferentemente pelos indivíduos porque cada um deles se relacionou com essa realidade conforme sua singularidade. Vejo essas diferenças como aquilo a que Guattari chama de “*modos de subjetivação singulares*”.

Acredito que, a partir dessa visão, podemos entender melhor alguns fenômenos como, por exemplo, quando em uma mesma família, composta de pai, mãe e filhos, somente um desses filhos torna-se dependente de drogas. Há que se compreender, neste caso, como o evento “*drogas*” interferiu, influenciou ou se localizou no processo de singularização dos indivíduos, fazendo com que cada um adotasse comportamentos diferenciados com relação a um evento, aparentemente semelhante.

Assim, vejo a relação que os entrevistados estabeleceram com as drogas, a partir da primeira experiência, e destaco os seguintes depoimentos:

“Eu trabalhei em lugares onde as pessoas cheiravam, tomavam comprimidos, e eu não usava... Eu fui dar o primeiro ‘teco’ (cheirar cocaína) junto com um namorado italiano, quando eu estava lá na Itália. (...) É engraçado isso, não é? Eu, morando aqui, convivendo diariamente com drogas, nunca me interessei... Lá na Itália, junto com um namorado, eu resolvi experimentar... E ele nem me ofereceu, eu que pedi...” (42 anos).

“Acho que a droga usada no lugar certo, na hora certa é um grande barato. Quando se usa todos os dias, toda hora, perde-se o ‘valor da coisa’.... (42 anos).

“Eu acho que o prazer não está na droga. O prazer está no fato de você estar ali com seus amigos, batendo papo... É lógico que a bebida, por exemplo, estica o papo, as pessoas ficam mais soltas, conversam mais... Mas não é a bebida que dá o prazer... Não tem prazer nenhum beber sozinho...” (26 anos).

“Acho que fumei maconha porque estava naquela fase da adolescência, querendo fazer tudo que os amigos faziam... Mas, depois, eu vi que aquilo não era uma coisa boa para mim. Eu sabia que eu tinha uma vida saudável e que estaria estragando a minha vida se eu continuasse...” (20 anos).

“Eu acho que a cocaína é uma droga que não dá prazer nenhum. Diferente do Ecstasy, por exemplo, que a pessoa fica ativa, dança, curte e, no dia seguinte, ela está legal. O álcool também dá prazer, deixa a pessoa mais alegre, mais espontânea... Mas isso também varia muito de pessoa para pessoa... Cada um é cada um... Essa é a minha forma de pensar”. (28 anos).

“Eu conheço pessoas que vivem sem utilizar qualquer tipo de droga e vivem relativamente bem. Agora, eu também conheço pessoas que usam drogas eventualmente e também vivem dentro de uma normalidade. Trabalham, estudam, convivem, etc... Então, eu acho que é uma questão muito pessoal, muito de cada um. Umhas pessoas conseguem lidar de uma forma e outras lidam de outra forma... É uma questão individual e cada um lida de uma forma com isso. Eu lido de uma forma, por exemplo, meu irmão de outra. Ele não consegue só usar, ele é dependente.(...) Eu confesso que já pensei muito sobre o porque do meu irmão ter se tornado um dependente. Minha mãe, inclusive, vive me chamando atenção porque ela tem medo que eu acabe ficando igual a ele. Mas, agora, nessa nossa conversa, eu estou me dando conta (e acho até que você deveria me cobrar a ‘terapia’), que eu nunca vou ser igual ao meu irmão porque ele nunca foi igual a mim... Ele teve uma vida completamente diferente da que eu tive... Viveu coisas que eu nunca vivi... Ele não teve as oportunidades que eu tive... Talvez, ele tenha passado por tudo que passou para que depois eu pudesse ter o que eu tive... Será...? Eu não sei... Mas agora eu tenho claro (e acho que isso vai até mudar minha atitude com relação a ele), que eu sou o que sou porque tive a vida que tive, e ele é o que é porque teve a vida que teve... Mas de quem é a culpa? Minha? Dele? Da vida? Sinceramente, eu não sei responder...”(35 anos)

Percebe-se, aqui, que o entrevistado vivenciava a dependência do irmão de uma determinada forma, sem nunca ter refletido um pouco mais sobre essa situação. Parece que o evento da entrevista provocou no entrevistado, a partir de uma análise mais profunda sobre o assunto, uma outra visão do problema . Isso nos remete para o fato de que determinadas situações podem ser vivenciadas de formas diferentes até por um mesmo indivíduo, dependendo, não só do momento em que elas acontecem, mas também de outros momentos pelos quais passam os indivíduos envolvidos.

Dos sete entrevistados, seis tiveram a primeira experiência com as drogas (lícitas e/ou ilícitas) na adolescência, e apenas um já tinha mais de 20 anos quando bebeu e cheirou cocaína pela primeira vez. Esse fato provavelmente está relacionado, por um lado aos fenômenos típicos da adolescência (conflitos, desafios, transgressões, etc), já comentados anteriormente, e por outro, a também já mencionada facilidade de acesso às drogas. Entretanto, percebe-se nos depoimentos que, apesar de serem atribuídos valores positivos às drogas experimentadas, quer pelo contexto em que são usadas, quer pelo prazer que proporcionam, existe uma preocupação quanto aos limites desse uso. Verifica-se, também, que para os entrevistados a relação que cada um estabelece com determinada droga, *“é uma questão muito individual”, “muito pessoal”*. Esses depoimentos nos apontam para a

possibilidade de algo naquilo que Guattari chama de *processo de singularização*, ter contribuído para “protegê-los” de uma relação de dependência às drogas experimentadas.

Passarei agora a discutir o pressuposto de que alguns dos “fatores de proteção” podem estar ligados às experiências vividas no cotidiano familiar, influenciando os modos de subjetivação dos indivíduos. Dentre essas experiências, destaco aquelas relacionadas ao afeto/auto-estima, à responsabilidade e ao reconhecimento de limites.

A Dimensão do Afeto/Auto-Estima

Considero que “receber afeto”, no sentido de “sentir-se amado”, contribui para o desenvolvimento da capacidade de amar a si mesmo (*auto-estima*) e aos outros (*afetividade*). Como já foi visto anteriormente, é ainda no primeiro ano de vida que o indivíduo se reconhece como unidade (um ser individual) e, a partir daí, passa a estabelecer limites entre o “eu” e o “não eu”. Retomando Winnicott, reconheço a relevância do ambiente familiar para o estabelecimento de um “ego” forte ou fraco. O autor faz considerações sobre os conceitos de “self” (eu), “não self” (não eu) e “falso-self” (falso eu), relacionando-os à constituição do indivíduo enquanto sujeito. Entretanto, esses pressupostos são bastante complexos e não cabe aqui aprofundá-los. Porém, parece claro em toda a sua argumentação a importância atribuída aos cuidados maternos (ou substitutos) e ao “*suprimento ambiental satisfatório*”, para o desenvolvimento emocional do indivíduo. Ele faz uma relação dessas **primeiras vivências com o comportamento afetivo**, dizendo: “*a perda da capacidade de ser afetivo é uma das características da ‘criança carente’, mais velha, a qual, do ponto de vista clínico, demonstra uma tendência anti-social e é potencial candidata à delinquência*” (1993:19).

Por outro lado, Guattari diz que a noção da totalidade de um ego é precária, já que a subjetividade “*não é passível de totalização ou centralização no indivíduo. Uma coisa é a individuação do corpo. Outra é a multiplicidade dos agenciamentos da subjetivação: a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social*” (1986:31).

Portanto, há que se considerar essa multiplicidade de agenciamentos e a conexão entre os diferentes componentes que atuam no processo de subjetivação do indivíduo, e que podem ser de natureza tanto extrapessoal (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, etc.), quanto intrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de valor, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.).

Na presente proposta, a problemática atual do consumo de drogas é discutida a partir da idéia de “*singularização*”, defendida por Guattari. Entretanto, com o objetivo de enriquecer a discussão e, tendo em vista o recorte feito para o estudo privilegiar as relações familiares, alguns pressupostos de Winnicott parecem ser pertinentes, levando-se em consideração o momento histórico em que foram concebidos.

Não pretendo com isso propor uma visão reducionista da questão, direcionada apenas para o contexto familiar. Contudo, as limitações metodológicas exigem a escolha de um viés dentre vários outros (não menos válidos), para o aprofundamento de um debate sobre

determinado fenômeno social. Considero que as diferentes leituras possíveis podem traduzir diferentes coeficientes de verdade, pois podem estar ligadas a diferentes épocas e espaços.

A seguir, alguns depoimentos que mostram variados graus de importância atribuídos ao ambiente familiar, no desenvolvimento da afetividade e da auto-estima e a influência disso no comportamento dos entrevistados com relação ao uso de drogas:

“Na minha família sempre teve muita união... Eu acho que a união na família é uma coisa muito importante... Numa família que não tem união, ninguém chega a lugar nenhum... Se acontecem muitas brigas, dificulta muito a família... Prejudica o comportamento da pessoa que cresce vendo aquele dia a dia tenso... É muito ruim...”

Percebe-se nesta fala o estabelecimento, por parte do depoente, de uma relação entre o ambiente familiar e o comportamento do indivíduo “que cresce” nesse ambiente. Contudo, não se pode perder de vista que muitos dos conflitos presentes nas relações familiares são reflexos do vivido em outras dimensões.

“Eu gosto muito das minhas irmãs... E quando eu estive em uma situação difícil de doença, eu senti que elas se preocuparam muito e me ajudaram muito. Eu sabia que elas gostavam de mim, mas aquela situação me mostrou além do que eu conhecia... E eu achei isso o máximo”

Aqui, o que chama atenção é a ênfase dada pelo entrevistado ao fato de que determinadas situações vivenciadas, mostram uma intensidade de afeto, muitas vezes desconhecidas e/ou esquecidas pelos próprios atores envolvidos em uma relação. As intempéries do cotidiano contemporâneo, muitas vezes, impedem a vivência e o “desfrutar” da intensidade dos sentimentos que fazem com que indivíduos “estejam em relação”.

“(...) O amor não era um amor de pai e mãe juntos, era um amor que vinha dividido. Cada um na sua, mas para mim vinha afeto... Era uma coisa complicada... É lógico que aquela coisa junta me fazia falta, mas o afeto chegava... Não era uma coisa junta, da família... Não sei se, no fundo, era uma disputa entre eles para ver quem me conquistava mais...”

Este relato, é de um entrevistado que foi criado pelos pais biológicos. Ele refere-se ao relacionamento dos pais como “uma relação à moda deles” e demonstra que, independente

do tipo de relação de afeto existente entre seus pais, com todos os conflitos do dia-a-dia, ele se sentia amado por ambos. Ele fala de um amor que chega “*dividido*”, o que, para ele, não traduz um “*amor de família*”, mas sim, um “*jeito particular de amar*”. “*(...) Ficava cada um na sua, mas para mim, vinha afeto...*”

“Isso é muito difícil para eu dizer... Eu brigo direto com o meu pai e converso pouco com a minha mãe. A relação melhor que eu tenho é com os meus irmãos(...). Eu quase não paro em casa e por isso não tenho tempo de conversar com ninguém. Afeto mesmo, só pelos caçulas (gêmeos). Fora isso, eu não tenho o que dizer”.

Apesar dos conflitos familiares existentes, o depoente, aqui, se reconhece em relação de afeto com alguns membros da família. Isso aponta para uma capacidade de ser afetivo.

“Eu só conheci o meu pai aos 10 anos de idade. Antes, eu tinha aquela vontade, aquela curiosidade de saber quem ele era, como ele era... Depois que eu o conheci, pude perceber que o meu verdadeiro pai era meu irmão mais velho e que eu não precisava de outro... Então, eu não quis mais saber daquele que se dizia meu pai. E, hoje, eu tenho ele como um cara que eu nunca vi em toda a minha vida e que não me diz nada... E eu pude perceber também como eu era amado, bem cuidado e protegido pelo meu irmão...”.

“(...) Quando eu achava que ninguém me entendia, ela sempre me chamava para conversar e, muitas vezes, me mostrava que eu estava errado, etc... Então, a minha tia me ajudou bastante”.

Os relatos acima reforçam o argumento de que as relações de afeto, bem como a legitimidade de papéis e de funções dentro do grupo familiar, independem dos laços biológicos. Além disso, verifica-se, também, a importância de sentir-se acolhido e compreendido em momentos de conflitos, e como isso se traduz e é interpretado como uma demonstração de cuidado e de afeto.

“Eu acho que o ambiente, o meio que a pessoa vive é uma das coisas que contribui para ela usar drogas. Muitos dos meus amigos da adolescência se tornaram dependentes... Alguns foram presos... Acho que as famílias dos meus amigos eram mais ‘desorganizadas’ que a minha... Na minha casa, tinha alguém (referindo-se a mãe) que mantinha a organização. Então, eu não tenho dúvidas que além do meio (e o meio são eles mesmos), ser

‘desprovido’ de família, contribui bastante para a dependência”.

Pode-se constatar nesta declaração a importância atribuída pelo entrevistado àquilo que Winnicott (1993) chama de “suprimentos ambientais satisfatórios” e “cuidados maternos (ou substitutos)”, que, na interpretação do depoente, pode contribuir para proteger o indivíduo da dependência de drogas. É claro que esses fatores não podem ser vistos como dissociados de um contexto maior, que envolve o econômico, o social e o histórico.

Winnicott faz, também, a seguinte consideração sobre o amor: *“A medida que a criança cresce, o significado do termo ‘amor’ vai se alterando, ou enriquecendo-se com novos elementos:*

- I) Amor significa existir; respirar; estar vivo identifica-se a ser amado.*
- II) Amor significa apetite. Aqui não há preocupação, apenas a necessidade de satisfação.*
- III) Amor significa o contato afetivo da mãe.*
- IV) Amor significa a integração (por parte da criança) do objeto da experiência instintiva com a mãe integral do contato afetivo; o dar passa a relacionar-se ao receber, etc...*
- V) Amor significa afirmar os próprios direitos à mãe, ser compulsivamente voraz, forçar a mãe a compensar as (inevitáveis) privações por que ela é responsável.*
- VI) Amar significa cuidar da mãe (ou do objeto substituto) como ela cuidou da criança - uma prefiguração da atitude de responsabilidade adulta” (1993: 19-20).*

Em alguns momentos, pode-se encontrar nas falas dos entrevistados, referências a este amor descrito pelo autor:

“Mesmo eu morando com os meus avós, a minha mãe me dava muita atenção. Até hoje ela tem aquela preocupação de saber como eu estou, aonde vou, e aquelas coisas de mãe...”.

“(...) Até hoje eu me sinto muito amado... Minha mãe e meus irmãos, mesmo os que já não moram mais com a gente, estão sempre querendo saber como eu estou, se está tudo bem... Então, se as pessoas se preocupam com você, é porque elas te querem bem, gostam de você...”.

“(...) Eu era muito ‘colado’ com a minha mãe. Ela me levava para todos os lugares que ia. Acho que era porque eu era o mais novo...”.

“Naquela época, a minha mãe era a pessoa mais importante da minha vida. Meu pai tinha uma ‘certa importância’, mas era só uma ‘certa importância’... A minha mãe é que era tudo... Hoje, eu consigo enxergar outras pessoas, é lógico. Mas, naquela época, eu não enxergava nada... Às vezes, eu fico pensando como é que eu podia não enxergar mais ninguém?”

“Dentro da nossa vidinha, dentro da nossa humildade, eu não tive nenhuma carência. Até por conta da minha mãe fazer muito para isso. Minha mãe sempre batalhou muito...”

“Eu nunca senti falta de carinho nem de afeto... E quase tudo o que eu pedia a minha mãe, ela me dava...”

“O meu avô morreu e a minha avó ficou muito doente. Então, minha mãe ficava lá cuidando dela e da minha tia, que também era doente...”

Este último depoimento aponta para a existência de um amor que se traduz no cuidado com a mãe, interpretado por Winnicott como “uma atitude de responsabilidade adulta”.

Em outros relatos, verifica-se a existência de outras pessoas que cumprem o papel de mãe biológica, substituindo-a:

“Às vezes, eu queria algumas coisas que meus avós não podiam me dar. Eles faziam muito esforço e o que eles conseguiam era com muita dificuldade, mesmo na parte da alimentação. Então, algumas coisas eu não podia ter, mas eu me conformava e aceitava isso.”

“Quem me criou foi minha avó. Quando eu nasci, eu fui trazido do hospital direto para a casa da minha avó... Minha mãe foi morar em outro bairro com o meu pai... Depois eles se separaram e ela foi morar em outro lugar... Então, eu não queria ir para lá... Eu queria ficar com a minha avó. Quando ela me levava para lá, eu chorava tanto que ela me trazia de volta para a casa da minha avó. Assim, eu fui ficando, fui ficando, e moro aqui até hoje”.

“Eu fui criado pelos meus avós e pela minha tia. Meus pais eram muito novos quando eu nasci e brigavam muito... Chegaram até a passar um tempo separados... Então, não dava para morar com eles... Mas eu me sentia muito bem com os meus avós...”

“Eu sou o caçula, sou temporão... E eu tive uma irmã que foi “meio mãe” para mim... Ela tinha por mim aqueles cuidados de mãe... Até mesmo depois que eu já era adulto, ela continuava com aquelas preocupações... Infelizmente, essa minha irmã já morreu...”

Durante as entrevistas, pude perceber que os depoentes relacionam o *sentir-se amado pela família*, com suas atitudes e comportamentos diante de situações variadas, dentre elas, o uso de drogas. Acredito que essa *construção afetiva* se desenvolva ao longo do processo de crescimento do indivíduo, através das diversas relações estabelecidas e vivenciadas em seu cotidiano. O resultado disso se traduz em posturas de cuidado consigo mesmo e preocupação com o *sofrimento daqueles que o amam*, caso sejam adotados comportamentos que coloquem em risco a sua saúde e a sua vida. É claro que a origem dessas atitudes nem sempre encontra-se a nível do consciente.

Por isso, parece-me importante que a questão do *amar e ser amado* seja, inclusive, melhor investigada pelo campo da clínica das toxicomanias, haja visto os casos (não raros) de dependência, cuja recuperação (ou interrupção do uso) "coincide" com o estabelecimento de novas relações afetivas, do tipo namoro, casamento, etc., ou do tipo religioso (dedicação a uma nova crença, onde o indivíduo se sente amado, ainda que através de uma transcendência).

Sobre isso, diz Guattari: *“quando substituo, aparentemente, um sintoma por outro, não existe nenhum ‘continuun’ da ordem de deslocamentos de afeto como quantidade de energia, do tipo freudiano. O que acontece são blocos de possível que se substituem enquanto tais: cada nova constelação de universo cria um novo bloco de possível, sem qualquer caráter de continuidade. (...) E isso não acontece dialeticamente em relação a outros campos de possível: eles coexistem. Há sempre a possibilidade de somatização, há sempre a possibilidade de recair nos mesmos buracos negros; nunca se está totalmente curado de coisa alguma; não há deslocamentos dialéticos. Somos sempre tudo ao mesmo tempo: acordados, conscientes, apaixonados, ambivalentes... E não se trata de uma ambivalência conflitiva,, mas do fato de que todas essas constelações se perfilam simultaneamente nesse nível”* (1986:221).

A meu ver, esse debate, por sua complexidade, demanda um aprofundamento teórico mais abrangente, no que se refere a seus aspectos clínicos. Porém, o objetivo aqui é apenas apontar para a relação que os entrevistados parecem estabelecer entre o “sentir-se amado” e a adoção de comportamentos cuidadosos e/ou responsáveis consigo mesmo e com aqueles de sua convivência.

A Dimensão da Responsabilidade e dos Limites

Quanto à responsabilidade:

O sentido da responsabilidade aparece nos depoimentos, ora relacionado ao comportamento dos familiares, ora relacionado ao comportamento dos próprios entrevistados:

“Minha família tratava muito bem os meus amigos. Acho que pela confiança que eles tinham em mim, pela moral que eu tinha em casa... E com os amigos da minha irmã era igual. Lá em casa foi ponto de encontro dos nossos amigos. E isso era importante para nós e para eles também. Porque, de repente, eles não tinham isso em casa...”

Neste depoimento, o entrevistado fala da importância, para ele, do respeito e do reconhecimento da família, no que se refere à confiabilidade e à responsabilidade a ele atribuídas. Refere-se a isso como sendo resultado de seu *“comportamento responsável precoce”*, por conta de ter começado a trabalhar aos 14 anos de idade. *“(...) Eu acho que eles eram assim comigo porque, desde cedo, eu fiz aquilo que eles achavam que era o melhor para mim. Eu me especializei bem cedo numa profissão, garantindo a minha independência e um futuro melhor”*. E acrescenta: *“Naquela época, em que eles forçaram uma barra para que eu começasse a trabalhar, eu achei aquilo um absurdo... Eu só tinha 14 anos e tinha que estudar e trabalhar? Eu cheguei a ficar revoltado com aquilo... Mas, com o tempo, eu percebi que o que eles fizeram foi realmente muito bom para mim... Porque se eu não tivesse esse emprego hoje, o que eu seria? Então, hoje, eu entendo a atitude deles de uma outra forma, e acho que valeu...”*

Neste caso, a atitude dos pais foi interpretada, inicialmente, como uma *“exigência absurda”*. Entretanto, com o tempo, à medida que o significado do trabalho foi mudando para o entrevistado, essa mesma atitude dos pais foi *“reinterpretada”* como uma demonstração de preocupação com o futuro, traduzindo-se, assim, em uma postura relacionada ao afeto.

“Meu pai sempre foi boêmio e não tinha nenhuma responsabilidade dentro de casa. Minha mãe casou com ele quando tinha 13 anos e ele 25. Ele nunca teve responsabilidade. Então, ela teve que batalhar para alimentar os filhos, e ele não fazia nada. Assim, ele foi

perdendo espaço e ela tomando esse espaço. O dia que ele acordou, já não tinha mais espaço...”.

“Eu terminei o segundo grau, fiz o vestibular e passei para uma faculdade particular. Eu tinha entre 18 e 19 anos e, quando eu comecei a freqüentar as aulas, eu percebi que a turma só queria brincar! Então, eu estava pagando só para brincar? Aí eu pensei: ‘não, isso não está legal...’. Tranquei a matrícula e depois de alguns anos voltei e peguei até uma turma legal, que estudava. Mas, aí eu percebi que não era bem aquilo que eu queria estudar, e parei de novo. Mas, já estou pensando em voltar a estudar, só que em uma outra carreira”.

“Todos ajudam nas despesas da casa. Na minha opinião, todo mundo tem que trabalhar. A gente tem a nossa família e só o trabalho ajuda na alimentação e nas outras necessidades. Se não trabalhar, atrapalha...”.

“O trabalho para mim é tudo. Quase tudo que eu consegui na vida foi trabalhando... O trabalho foi fundamental para eu conseguir me libertar e ter uma vida independente”.

“Naquela época, eu estudava mais por pressão dos meus pais. Eu não gostava muito de estudar... Mas, depois, quando eu comecei a ter mais ‘consciência da vida’, foi que eu comecei a dar mais importância aos estudos”.

“Eu tenho uma perspectiva de vida e, se eu quero sair da casa da minha mãe, eu tenho que estar trabalhando... Eu não posso querer que a minha mãe ‘me banque’ pelo resto da vida... Ainda mais agora, que eu tenho uma filha...”.

“Nós éramos cinco homens e uma mulher. Então, a minha irmã ajudava a minha mãe nos serviços de casa. Essa responsabilidade era dela. Os homens tinham que trabalhar para ajudar nas despesas”.

“A gente quando é novo, vê o trabalho de uma forma, quando já é adulto, vê de outra... Quando se é novo, o trabalho é só uma forma de ganhar seu próprio dinheiro, se divertir, etc... Já para o adulto, o trabalho é uma responsabilidade, para se ter uma casa, uma família, essas coisas...”.

Nas várias declarações, a responsabilidade é referida como atitudes que, a priori, estão ligadas a um investimento individual, mas que remetem a uma preocupação com o coletivo (família), no sentido de sua manutenção e harmonia. Essa preocupação também aparece em alguns depoimentos sobre o uso de drogas:

“É possível usar drogas de vez em quando, desde que a pessoa tenha um controle... Se você trabalha o mês inteiro e quando você recebe seu dinheiro, gasta tudo em drogas, e a responsabilidade dentro de casa, como é que fica?”

“Existem pessoas que usam drogas só nos finais de semana, e na segunda feira têm aquele compromisso com o trabalho, com a família...”

“Eu não misturo... Quando eu trabalho, eu trabalho... Drogas, só nas horas de lazer. Não dá para cheirar ou beber e trabalhar...”

Quanto aos Limites:

Alguns relatos mostram a existência de limites claramente reconhecidos pelos entrevistados:

“(...) Eu nunca repeti de ano na escola. Até porque a cobrança em casa não era mole. Se eu repetisse, o massacre ia ser enorme... Não de agressão física, porque isso não tinha lá em casa, mas, psicologicamente, ia ser fogo...”

“Era a minha mãe quem determina e cobrava tudo. E a gente acreditava muito nela... Ela tinha muito crédito com a gente... Então, tudo o que ela falava era respeitado...”

“Ficar na rua até tarde não podia. Só podia ficar na rua até às 8 horas da noite. Hoje em dia, eu vejo as crianças aqui ficarem na rua até meia-noite, uma hora da manhã... A gente não podia mesmo. Era a minha tia quem determinava isso, e todo mundo respeitava”

“(...) Então, eu saía com eles e quando eu via, meu pai estava lá para me buscar. Aí, eu discutia com ele e a gente brigava muito... Mas, depois, com o tempo, eu fui vendo que não era nada disso... O que ele fazia era o melhor para mim mesmo”

“(...) Quando eu estava na segunda série do primeiro grau, minha turma ia fazer um passeio com a escola. Na hora de entrar no ônibus, eu estava fazendo a maior bagunça e a professora me chamou atenção várias vezes. Como eu não obedeci, ela me tirou da fila e não me deixou ir ao passeio. Eu vi todo mundo indo e tive que ficar na secretaria da escola até eles voltarem. Ali, eu me senti muito pior do que se tivesse levado uma surra... E ali eu descobri que o castigo e certos tipos de ação, ao contrário da violência, podem ensinar muito mais...”

“Eu me lembro que lá em casa ninguém podia brincar com armas. Nós não podíamos ter revólveres de brinquedo. Os brinquedos eram bola, pião, carrinho, bicicleta, etc...Mas revólver, nem pensar... Ainda mais se fosse de espoleta... Isso realmente era proibido”

“Quando eu comecei a trabalhar, eu fui adquirindo um pouco mais de direitos, porque eu passei a ter um pouco mais de independência, principalmente, na área financeira. Eu podia sair um pouco mais, mas não podia fazer nenhuma besteira, porque isso, meu pai realmente não deixava”

“Desde que nós éramos pequenos, minha mãe dizia que nunca permitiria que nós levássemos mulheres para dormir com a gente lá em casa. Isso era proibido, e é até hoje. E eu acho que a minha mãe está certa, porque isso é uma questão de se ter consciência, de se ter respeito com a nossa própria mãe.

“Acho que eu sou assim por causa da maneira como eu fui criado... Muitos amigos que eu tive na infância e que a mãe deixava ‘solto por aí’, hoje levam uma vida que não tem nada a ver. Teve um que até foi morto na quadra de uma Escola de Samba... Nós, eu e meus irmãos, não podíamos ir aonde eles iam... E, hoje, eu acho que isso foi bom para a gente...”

Pode-se pensar que nesse caso há um reconhecimento, por parte do depoente, que certas atitudes que, de alguma forma impõem limites, na verdade se traduzem em uma demonstração de cuidado, logo, em uma relação de afeto.

Os depoimentos parecem apontar para a existência, como Winnicott (1993) propõe, de uma relação entre **afeto/auto-estima, responsabilidade, limites**. Ele diz que depois do período inicial de proteção, a mãe (ou substituta) deve, aos poucos, abrir espaço para a criança expressar-se livremente e agir segundo seus impulsos. Mas os “controles” permanecem sendo necessários. Entretanto, a criança precisa de tempo para explorar essa fase e ser acolhida em

seus momentos de “volta ao colo”. Ou seja, nessa fase, ao mesmo tempo que a criança realiza novas percepções objetivas e se enriquece com a descoberta, ela retorna ao seu referencial primeiro (a mãe, o berço, o ambiente familiar), onde se sente segura. “(...) *a confiança infantil no caminho de volta é reconstruída*” (1996: 107).

Se a resposta familiar a essas idas e vindas, consideradas pelo autor como “necessárias ao processo de crescimento emocional” for satisfatória, “*com o tempo, as crianças tornam-se capazes de conservar um sentido de segurança, mesmo frente à insegurança mais manifesta (...)*” (1993: 43).

Durante toda a infância, as crianças têm sempre necessidade de verificar se ainda podem confiar nos pais. Mas é na adolescência que esses “testes” são mais freqüentemente “aplicados”. Segundo o autor, “(...) *os adolescentes começam a enfrentar em si próprios uma nova gama de sentimentos fortes e até amendrontadores, e desejam verificar se os **controles externos** ainda estão de pé. Mas, ao mesmo tempo, querem provar serem capazes de romper esses controles e estabelecer a si próprios como pessoas autônomas. As crianças sadias necessitam de quem lhes imponha um certo controle; mas os indivíduos que impõem a disciplina devem poder ser amados e odiados, desafiados e chamados a ajudar (...). É sempre um relacionamento vivo entre duas pessoas que abre espaço ao crescimento. (...) O crescimento verdadeiro confere à criança ou ao adolescente, um sentido adulto de **responsabilidade**, sobretudo daquela responsabilidade ligada à provisão de condições adequadas de segurança às crianças de uma geração mais nova*” (1993:47).

Os vários depoimentos explicitam que os indivíduos vivenciam situações concretas em momentos determinados. Entretanto, essas vivências vão sendo “reinterpretadas”, adquirindo novos significados para os indivíduos, à medida que eles crescem e amadurecem emocionalmente, através das múltiplas relações que vivenciam.

A relação afeto/auto-estima, responsabilidade, limites e drogas

Tomando, então, as proposições referidas anteriormente, passarei a discutir a seguir a **relação afeto/auto-estima, responsabilidade, limites e drogas**.

A relação entre amor/afeto, auto-estima, confiança/controle (limites) e responsabilidade, como já foi dito, é discutida por Winnicott a partir da importância atribuída aos cuidados da mãe (ou seu substituto) e ao suprimento ambiental, para o crescimento emocional do indivíduo. Entretanto, não se pode desprezar elementos pertencentes a outros níveis de experiências, que também interferem no comportamento dos indivíduos.

Na comunidade estudada, o trabalho empírico mostrou que a relação dos entrevistados com as drogas é de experimentação e/ou uso eventual e não de abuso ou dependência. E, apesar das diferenças encontradas nos depoimentos sobre o que é um **dependente de drogas**, quando analisamos as explicações dadas pelos depoentes para o fato deles não se considerarem como tal, embora façam uso eventual de drogas, encontramos argumentos que ora nos apontam para as relações de afeto/auto-estima, responsabilidade e reconhecimento de limites que remetem ao cotidiano familiar, e ora estão direcionados a valorização do “indivíduo”.

“Acho que os problemas dentro de casa muitas vezes fazem as pessoas correrem para o ‘vício’, para beber, para cheirar (cocaína) ou para fumar (maconha). (...) As pessoas pensam que podem correr dos problemas se afundando nas drogas. Mas isso não adianta, porque quando você fica ‘são’, os problemas continuam ali e, às vezes, até maiores do que eram antes”.

“A pessoa pode ficar dependente se estiver muito triste e desiludida... Ela experimenta, acha que vai ser legal, e depois não tem forças para sair...”.

Esses dois depoimentos mostram a relação que os entrevistados fazem entre os conflitos cotidianos e a possibilidade de se tornar um dependente de drogas.

“Minha mãe sempre fala para eu não beber muito e me chama atenção quando acha que exagero”.

“Meu pai começou a vigiar mais a gente quando ele percebeu que algumas pessoas do nosso grupo estavam ‘tomando uma linha diferente’... Hoje, eu acho que ele estava certo...”.

Muitos desses amigos, hoje, estão presos e outros já até morreram... Então, isso realmente não é uma brincadeira...”.

Aqui, verificamos a importância dos limites estabelecidos pela família para um comportamento responsável diante da possibilidade do uso de drogas.

“Dependente é aquela pessoa que usa todos os dias, que vende até as coisas de casa para ter a droga. Às vezes, a pessoa tem até uma vida boa e começa a trocar tudo pelo pó”.

“Dependente é aquele que usa drogas sucessivamente, sem controle... É aquele que não consegue curtir a droga... Vende objetos, e todo o dinheiro que tem vai para as drogas. Dos que usam drogas, eu acho que só 5% sabem usar, os outros são usados”.

“Eu não me tornei um dependente porque eu sei o que eu quero para mim. E tem que ser assim. Todas as coisas da minha vida são assim. Eu sei o que eu quero e é aquilo que eu vou buscar. Eu acho que se a pessoa não sabe o que quer, não tem controle, ela dança”.

“Eu acho que existem pessoas e pessoas... Por exemplo, eu trabalho, gosto muito do meu trabalho, e gosto também de dar uns ‘tequinhos’ (cheirar cocaína), de vez em quando. Mas nem todo mundo é igual. Tem gente que gasta tudo o que tem e tudo o que não tem em drogas. Não faz outra coisa na vida a não ser se drogar... Esse é dependente, não tem controle, não segura...”

Os relatos acima mostram que os entrevistados relacionam a dependência de drogas à falta de controle (limites), de responsabilidade, de amor-próprio e confiança em si mesmo (auto-estima). Isso pode significar que, para eles, ainda que usem drogas, esses fatores têm uma importância significativa para não estabelecerem com as drogas consumidas, uma relação de dependência, funcionando, portanto, como *fatores protetores*.

“É claro que existem pessoas que usam drogas e não são dependentes. Eu acho que isso depende de cada um”.

“Eu acho que a ‘dependência química’ está relacionada ao organismo de cada um. Assim como eu não sou ‘viciado’, pode ser que alguma outra pessoa lá em casa venha a ser algum dia. Mas eu acho que tem também o fator psicológico. Eu acho que eu tenho uma

cabeça legal, porque eu tive uma instrução legal para saber administrar bem isso. Mas, por outro lado, eu também acho que ninguém vira alcoólatra, por exemplo, por falta de instrução. Por isso que eu acho que é uma questão do organismo de cada um.”

Nesses casos, os depoentes atribuem o comportamento em relação às drogas como uma questão individual, embora não saibam explicar muito bem como isso funciona. Poderíamos, então, supor que a influência para esse tipo de comportamento é da ordem do subjetivo, cuja construção se dá ao longo da vida de cada indivíduo, em diferentes dimensões.

“Acho que não me tornei um dependente por causa da minha família. A família pesa muito nisso aí. Para aquelas pessoas que não têm nenhum apoio da família, fica muito difícil...”

“Eu não tenho dúvidas que uma das coisas que me impede de beber mais vezes é a cobrança familiar. Se bem que eu tenho quase certeza que, mesmo se eu não tivesse essa cobrança dentro de casa, eu não seria um dependente. Mas que essa cobrança inibe, isso inibe. Se eu pudesse, eu seria mais boêmio... Eu adoro a boemia... Eu não tenho dúvidas que é a minha família que me impede de fazer uso mais freqüente do álcool”

Essas falas evidenciam a importância da família no comportamento dos indivíduos com relação ao uso de drogas. É claro que essa importância é resultado das relações estabelecidas dentro do contexto familiar, ao longo do processo de crescimento e amadurecimento emocional desses indivíduos, e de seus modos de subjetivação.

Por outro lado, cabe chamar atenção, mais uma vez, que o “significado de família” para os entrevistados não se prende a “padrões estruturados e formais”, até porque nenhuma das famílias dos depoentes está em conformidade com a “estrutura triangular”(pai, mãe e filho), característica da sociedade contemporânea. O que se verifica é a predominância da chamada “família ampliada”, onde o cotidiano é compartilhado por avós, pais, filhos, tios, sobrinhos, primos, etc. Acredito que essa forma de organização esteja ligada ao processo de “estruturação” da própria comunidade, já descrito anteriormente.

Enfim, esses depoimentos demonstram que existem, no comportamento dos depoentes, posturas que revelam atitudes de responsabilidade, amor e cuidado consigo mesmo, e de respeito e preocupação com a família. Isso pode demonstrar que as relações de amor/afeto,

auto estima, confiança/controle e responsabilidade, vivenciadas no contexto familiar, podem funcionar como importantes “fatores protetores”, no que se refere ao comportamento dos indivíduos diante das drogas. Entretanto, é importante ressaltar que esses fatores não podem ser reduzidos somente a esfera familiar, tendo em vista, como já foi dito, a multiplicidade de elementos que interferem e influenciam os “*modos de subjetivação*” desses indivíduos.

Outros relatos merecem, ainda , alguns comentários:

“É importante que as pessoas não pensem que todo mundo que usa drogas é uma pessoa que não presta. A droga, hoje, está em todas as classes, na classe alta, na média, na baixa, entre os miseráveis... Ela é vendida tanto no meio da miséria, quanto no meio rico. Não é só pobre que usa drogas. Então, quem usa não deve ser discriminado. Às vezes, essas pessoas são muito mais amigas do que aquelas que não usam nada. Eu falo por experiência própria...”

Esse relato aparece como uma crítica à discriminação sofrida por aqueles que usam drogas ilícitas, ainda que o façam de forma eventual e recreativa. Além disso, na interpretação do entrevistado, a sociedade tende a associar o uso de drogas à pobreza e esta à marginalidade. Isso pode servir como um alerta para aqueles que, através de uma visão equivocada, generalizam e rotulam todos os usuários de drogas como marginais, violentos, bandidos e desviantes da ordem pública.

“Na minha opinião, os policiais não deviam incentivar a droga... Alguns policiais incentivam o uso de drogas, porque se envolvem com os traficantes por causa de dinheiro... E é aí que ‘a coisa corre frouxa’... Isso é muito grave...O papel deles devia ser proteger a comunidade e não fazer isso que eles fazem...”

Aqui, vemos a indignação do indivíduo enquanto cidadão, ao vivenciar uma realidade onde os “papéis” (policial e bandido) se misturam. A crítica é direcionada ao fenômeno específico do abuso de drogas, que, na verdade, pode ser visto apenas como mais uma das “mazelas” do capitalismo no atual contexto brasileiro, conforme o discutido em capítulo anterior, onde foi abordada a questão do indivíduo na sociedade moderna.

“Eu acho que as crianças hoje ficam muito largadas. O tempo que elas passam na escola é muito pouco. O pai e a mãe ficam fora, trabalhando... As crianças tinham que ter mais atividades, porque esse tempo todo que elas ficam na rua, vêem os mais velhos fazendo

coisa errada e aprendem... E o que é pior, é que ainda tiram essas pessoas como ídolos... Eu acho que, hoje, realmente, as crianças precisam ser mais olhadas...”.

Podemos interpretar esse depoimento como um dos reflexos das transformações da família no cenário contemporâneo.

O rompimento da dicotomia entre o público e o privado, com a participação da mulher no mercado de trabalho, não só como investimento pessoal, mas também como possibilidade de melhoria da qualidade de vida da família, exige uma reorganização da rotina familiar. Muitas vezes, essa nova forma de organização vem acompanhada de conflitos, dentre eles aqueles relacionados ao “abandono” das crianças.

Esse “abandono” não está relacionado, necessariamente, a “quantidade” do tempo que a mãe tem disponível para se dedicar aos cuidados com os filhos, mas sim à “qualidade” desses cuidados, que, muitas vezes, se traduzem em relações de afeto. Nem sempre, como vimos especificamente na comunidade estudada, esses cuidados vêm da mãe biológica.

Podemos perceber, então, que para dar conta de uma reorganização do cotidiano, a partir das novas exigências que a modernidade traz para o contexto familiar, essas famílias lançaram mão da “solidariedade familiar”, que se produz na convivência em “família ampliada”. Vimos também que a forma como os indivíduos vivenciam cada etapa dessa reorganização, pode variar conforme os modos de subjetivação singulares. Parece que determinados aspectos desse processo de singularização contribuem para comportamentos diferenciados, não só em relação ao atual contexto que envolve o consumo de drogas, mas também no que se refere a atitudes diante de outros eventos presentes na complexidade da vida em sociedade.

Enfim, como diz Guattari, *“as práticas de produção subjetiva, as referências às cartografias relativas a essas produções são da alçada de agenciamentos os quais estão sempre em vias de ser destruídos e reconstruídos, desfeitos e recolocados em funcionamento”* (1986:197).

VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que, de uma forma sintética, a partir das histórias de vida dos entrevistados e de suas atitudes e comportamentos com relação ao consumo de drogas, algumas considerações podem ser propostas:

- a) As relações sujeito-droga, estabelecidas pelos diferentes indivíduos são de uso eventual, não se caracterizando, portanto, como dependência;
- b) Para que se entenda melhor como determinadas pessoas usam drogas e, diferentemente de outras, não fazem com essas drogas nenhuma relação de dependência, é necessário que se leve em consideração as experiências vividas por essas pessoas em seu cotidiano.
- c) Evidenciou-se nos depoimentos a importância das relações de afeto/auto-estima, responsabilidade e limites, vivenciadas pelos entrevistados, para um comportamento de responsabilidade consigo mesmo e com aqueles de seu convívio.
- d) Entendendo a forma como essas relações influenciam no “*processo de singularização*” dos indivíduos, poderemos ter uma visão menos equivocada, menos preconceituosa, menos “*padronizada*”, mais flexível e mais compreensiva sobre o fenômeno do consumo de drogas, que tanto tem mobilizado, atualmente, os profissionais de saúde, os educadores, as famílias, as autoridades públicas e a sociedade como um todo.

VIII. CONCLUSÃO

O presente trabalho levanta algumas questões, dentro do campo das toxicomanias. Há que se considerar nesse contexto: as relações de poder; a dimensão da violência gerada a partir da “ilegalidade” de algumas substâncias; os interesses políticos e econômicos envolvidos na problemática; a “utilidade” das drogas como “instrumento” de alienação; o “lugar” da droga enquanto “promessa” de “prazer ilimitado”; a posição hipócrita da mídia que, direcionada aos interesses capitalistas, incentiva o consumo das drogas lícitas (álcool e tabaco) e se posiciona de forma “terrorista” e “mediocre” frente às drogas ilícitas, como se o prejuízo humano e social acarretado pelo **abuso das drogas**, estivesse ligado à “legalidade” ou “ilegalidade” das mesmas; a visão equivocada e preconceituosa da sociedade, que rotula todos os usuários de drogas ilícitas como marginais, bandidos, violentos ou doentes, o que, por vezes, acaba banalizando o uso abusivo de outras drogas; etc. Enfim, num estudo dessa natureza não se pode desprezar a forma como o fenômeno se relaciona com todos esses e fatores que o envolvem.

Contudo, metodologicamente, não é viável um único estudo que possa aprofundar todas essas questões. Assim, o objetivo dessa proposta foi apenas apontar para algumas experiências vividas no cotidiano familiar do grupo investigado, que podem ter contribuído para que esses indivíduos, a partir da primeira experiência com as drogas lícitas e/ou ilícitas, tenham conseguido estabelecer uma relação singular com essas drogas, sem terem com isso se tornado dependentes das mesmas. Não se pode correr o risco, entretanto, de propor um discurso reducionista.

Retomando Guattari, os *processos de singularização*, ou seja, o poder viver, o sobreviver num determinado lugar, num determinado momento, tem a ver com a maneira como, em princípio, todos os elementos que constituem o ego funcionam e se articulam. “*Um só componente nunca dará um quadro singular: um meio social ou familiar que secreta um certo ‘abandonismo’; um contexto de deriva social, combinado com certo espírito de recusa dos valores dominantes; um terreno de prematuração biológica; um certo modo de oralidade; uma predisposição à reviravolta narcísica; impasses objetivos... cada um desses fatores, tomado isoladamente, pode ter sido um baque – que, no entanto, não teve grande alcance. Mas todos esses componentes acumulados podem dar consistência a uma mutação de personalidade; eles podem transformar os universos de referência de uma subjetividade – produzir um outro sujeito, um outro indivíduo.*” (1986:253).

O cotidiano da comunidade estudada mostra que existe uma *convivência*, nem sempre pacífica, mas muito particular, entre os seus moradores. Identificam-se famílias inteiras envolvidas com drogas ilícitas (tráfico e dependência), famílias onde ninguém usa drogas ilícitas, mas, a maioria usa drogas lícitas (principalmente o álcool), pessoas dependentes de álcool e cocaína, outras só de álcool, pessoas que usam eventualmente drogas lícitas e/ou ilícitas, e mantêm uma vida regular (trabalham, estudam, etc.), e pessoas que não usam nenhum tipo de droga (nem lícita nem ilícita), por motivos religiosos ou porque simplesmente acham que não devem.

Os relatos apontam para o fato de que, mesmo convivendo com esse cotidiano, onde se vivenciam as “*vantagens*” (financeiras e de poder) e as “*desvantagens*” (medo, tensão e morte) do chamado “*mundo das drogas*”, e mesmo morando em uma comunidade classificada como “*favela de concreto*” (referência feita por alguns dos entrevistados), com todos os eventos que ocorrem em uma comunidade com essas características, alguns atores conseguem viver relativamente bem, a partir de um padrão de vida que eles próprios estabelecem como bom para si e para suas famílias. Deve-se levar em consideração, também, as peculiaridades desta “favela”, tendo em vista seu processo de constituição e organização (construção de blocos de apartamentos num bairro de classe média-alta).

Atribuo essa capacidade de “*reinvenção da realidade*” a fatores ligados ao processo de crescimento e amadurecimento emocional dos indivíduos, cujos relatos mostraram a importância do contexto familiar na produção de um *modo de subjetivação singular*. Essa singularidade é que possibilita a cada indivíduo agir e se relacionar de forma muito particular diante das várias situações que a eles se apresentam. Dentre essas relações, encontram-se a experimentação e/ou o uso eventual de drogas lícitas e/ou ilícitas, sem prejuízos físicos e/ou sociais para os sujeitos, figurando como mais uma **relação singular**, dentre tantas outras.

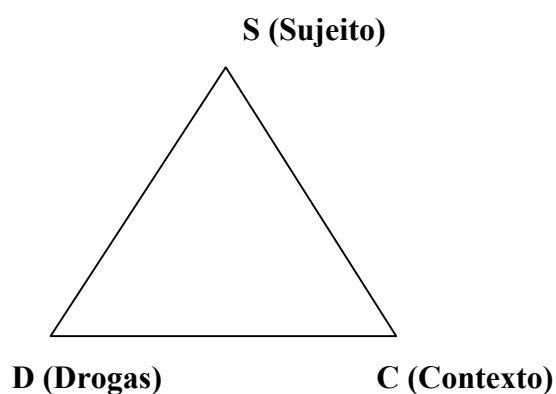
As histórias de vida desses indivíduos apontam para a possibilidade das relações de afeto/auto-estima, responsabilidade e limites vivenciadas em seu cotidiano familiar, terem contribuído de forma importante para a adoção de posturas e atitudes, no que se refere ao consumo de drogas, que, mesmo não sendo “*convencionais*” ou “*esperadas*”, não chegam a representar um risco para a sua vida.

Portanto, o resultado do trabalho empírico desenvolvido no presente estudo, sugere que as experiências dessas relações sejam consideradas como importantes *fatores de proteção* (dentre vários outros) contra a dependência de drogas, ainda que esses indivíduos as experimentem ou façam uso eventual, e que vivam em uma comunidade considerada *de risco* para essa prática.

Assim, pode-se ampliar o pensamento dizendo que os diferentes padrões de consumo de drogas lícitas e/ou ilícitas, encontrados atualmente no cenário social, devem ser estudados a partir da compreensão das diversas *relações singulares* que os indivíduos estabelecem ao longo de suas vidas.

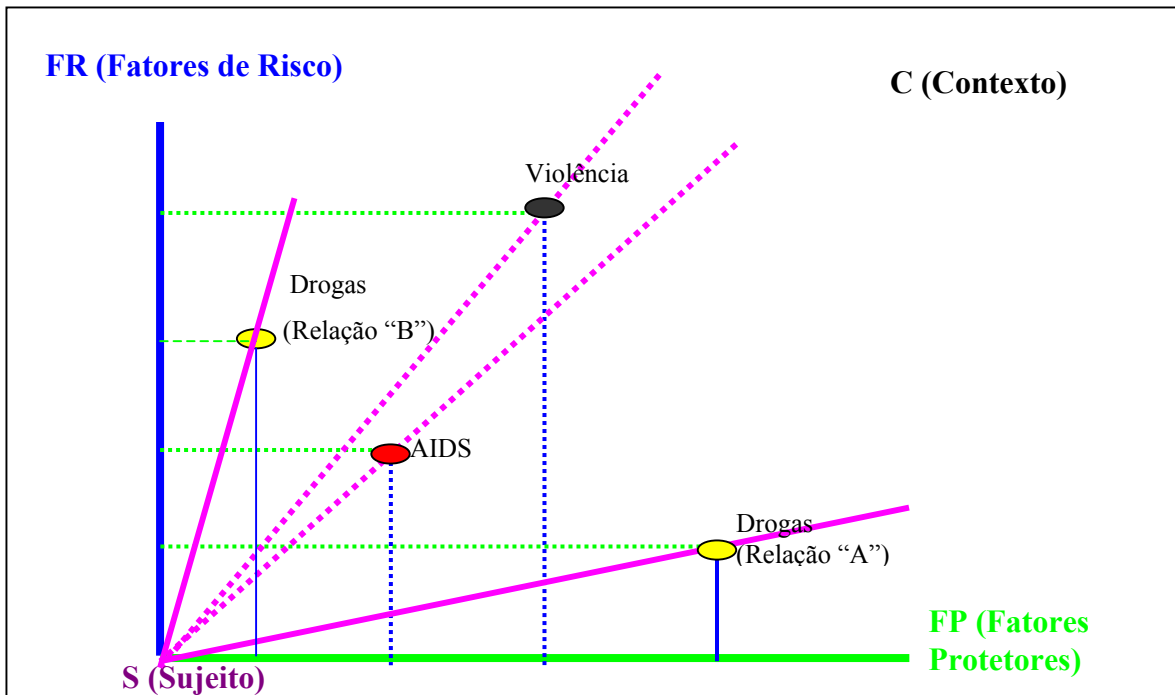
Retomo, aqui, Olivenstein (1985), que diz que a dependência de drogas se estabelece a partir de uma **relação triangular** entre o **sujeito**, a **droga** e o **contexto** em que essa droga é consumida.

Ele sugere como representação de sua proposta, a seguinte figura:



É possível, a partir do presente estudo, pensar em uma ampliação da referida proposição, sugerindo que dentro de um **determinado contexto**, sejam considerados o **sujeito**, os **fatores de risco** e os **fatores protetores**. A presença desses fatores na vida do indivíduo, na minha opinião, parece contribuir significativamente para a adoção de diferentes tipos de comportamento, não só no que se refere ao consumo de drogas (formas de uso diferenciadas), mas também no que diz respeito a outras atitudes desse indivíduo diante da vida. Essas atitudes, ao meu ver, estão relacionadas, dentre outras coisas, a posturas de responsabilidade (individual e coletiva), de reconhecimento de limites e demonstram uma capacidade de amar a si mesmo (auto-estima) e aos outros (afetividade).

Pensemos, então, na seguinte representação:



Possibilidades de relação do sujeito com outras situações: ● AIDS ● Violência

Poderíamos interpretar que o evento **drogas**, quando presente na vida do sujeito, poderá levá-lo a estabelecer uma **relação** do tipo “A”, onde os “**fatores protetores**” (em verde) têm maior representação que os “**fatores de risco**” (em azul), sendo provável, portanto, uma atitude mais cuidadosa e responsável do sujeito consigo mesmo; ou uma **relação** do tipo “B”, que ao contrário da primeira, tem a predominância dos “fatores de risco”, e poderá favorecer um comportamento, diante do mesmo evento, que coloque em perigo a vida do próprio sujeito e daqueles que o cercam.

Da mesma forma, poderíamos analisar a relação dos indivíduos com outros eventos, tais como a AIDS, a violência, etc.

Quando refiro-me a “fatores protetores” e a “fatores de risco” que podem influenciar os modos de subjetivação, permitindo um comportamento “A” ou “B”, quero apontar para todo um conjunto de agenciamentos possíveis, dentro de diferentes dimensões (extrapessoais, interpessoais, intrapessoais), que a existência humana habita.

A proposição acima não tem nenhuma fundamentação epidemiológica, até porque, além dos meus conhecimentos nessa área serem restritos, o enfoque dado ao presente estudo é qualitativo, não cabendo, portanto, metodologicamente, a generalização. Pelo contrário, o

objetivo é que se possa refletir, a partir de propostas formuladas anteriormente, sobre a possibilidade de formas particulares de sujeitos singulares vivenciarem situações, a priori, semelhantes.

Para finalizar, vejo como de extrema importância o desenvolvimento de novos estudos, que busquem investigar mais detalhadamente as semelhanças e as diferenças de traços significativos nas histórias de vida de indivíduos dependentes de drogas e de indivíduos usuários, mas não dependentes, em suas múltiplas dimensões. Isso permitiria aprofundar o debate sobre os fatores que influenciam o comportamento desses indivíduos, ora protegendo-os, ora colocando em risco a sua saúde e a sua vida. Os resultados poderiam servir de orientação, não só para a adoção de estratégias de prevenção ao abuso de drogas, mas também para o desenvolvimento de ações mais eficazes dentro do campo da saúde pública.

BIBLIOGRAFIA

- AQUINO, M.T.C.** "A Mulher e a Droga: motivação para o uso, efeitos diferenciados, tratamento e possibilidades de prevenção. In *Toxicomanias: Abordagem Multidisciplinar*. Rio de Janeiro, NEPAD/UERJ: Sette Letras, 1997.
- BALBUENA, M.R.** "O Carniceiro e o Poeta". In *A Vocação do Êxtase: Uma Antologia sobre o Homem e suas Drogas*. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1994.
- BAPTISTA, M. & INEM, C. (Orgs.)**. "Toxicomanias: Abordagem Multidisciplinar". Rio de Janeiro: NEPAD/UERJ: Sette Letras, 1997.
- _____. "Toxicomanias: Abordagem Clínica". Rio de Janeiro: NEPAD/UERJ: Sette Letras, 1997.
- BERMAN, M.** "Tudo que é Sólido Desmancha no Ar". São Paulo, Ed. Schwarcz, 1990.
- BIRMAN, J.** "Toxicomanias: Uma Abordagem Clínica". Introdução. Rio de Janeiro, NEPAD/UERJ, Sette Letras, 1997:14.
- _____. "Dionísios Desencantados". In *Drogas: Uma Visão Contemporânea*. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1993.
- BRUSCHINI, C.** "Uma Abordagem Sociológica da Família". In *Revista Brasileira de Estudos de População*. São Paulo, V. 6., No. 1, Jan/Jun. 1989, pp.1-23.
- BUCHER, R.** "Psicopatologia da Toxicomania e Vivência do Toxicômano". In *Revista Brasileira de Saúde Mental*. Ano 2, No. 2 e 3, Março/Outubro, 1988.
- _____. "Drogas na Sociedade". In *Drogas, Aids e Sociedade*. Brasília, CDIC, 1995, pp. 38-46.
- _____. "A Situação da Drogas no Brasil". In *Prevenindo contra as Drogas e DST/AIDS*. Brasília, CDIC, 1995, pp.8-16.

- CALDEIRA, Z.F.** "Prevenção Ideal versus Prevenção Possível". In *Toxicomanias: Abordagem Multidisciplinar*. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1997, pp.81-87.
- CRUZ, M.S.** "Abstinência de Cocaína: Um estudo de características psicopatológicas em dependentes que procuram tratamento". Dissertação de Mestrado, Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.
- CRUZ NETO, O.** "O Trabalho de Campo como Descoberta e Criação". In Minayo, M.C.S. *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1994.
- DA MATTA, R.** "Carnavais, Malandros e Heróis (Para uma sociologia do dilema brasileiro)". Rio de Janeiro, Zahar, 4a. edição, 1983.
- DUMONT, L.** "O valor nos modernos e nos outros". In *O Individualismo*. Rio de Janeiro, Rocco, 1985.
- DURKHEIM, E.** "As Regras do Método Sociológico". São Paulo, Editora Nacional, 1995.
- EISENSTEIN, E.** "Crianças e Adolescentes: Riscos, Sexualidade, DST/AIDS". In *Manual de Prevenção ao Uso Indevido de Drogas: Subsídios para Educadores Sociais*. Rio de Janeiro, NEPAD/UERJ-COSAM/MS, 1998.
- EISENSTEIN, E. & SOUZA, R.P.** "Situações de Risco à Saúde de Crianças e Adolescentes". Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 1993.
- ELIAS, N.** "A Sociedade dos Indivíduos". Rio de Janeiro, Zahar, 1994.
- _____. "O Processo Civilizador". Rio de Janeiro, Zahar, Vol. 1 e 2, 1993.
- ESPINHEIRA, G.** "A Complexidade do Homem: Liberdade e Dependência". In *Drogas, Aids e Sociedade*. Brasília, CDIC, 1995.
- FONSECA, C.** "Pais e Filhos na Família Popular". In D'Íncio, M. A., *Amor e Família no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1989.

- FREDA, H.** “A Toxicomania: uma das formas da modernidade”. In *Toxicomanias: Abordagem Clínica*. Rio de Janeiro, NEPAD/UERJ: Sette Letras, 1997.
- GARCIA, S.I.** "Implicações Psicossociais do Uso de Drogas: Uma História de Perdas e Danos". Dissertação de Mestrado, Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1996.
- GUATTARI F. & ROLNIK, S.** “Micropolítica: Cartografias do Desejo”. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 1986.
- KALINA, E. & KOVADLOFF, S.** "Drogadição: Indivíduo, Família e Sociedade". Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980.
- KALINA, E. & GRYNBERG, H.** “Aos Pais de Adolescentes”. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1992.
- LIMA, E.** “Existe um paradigma epidemiológico para o fenômeno da drogadicção?”. In *Toxicomanias: Uma Abordagem Multidisciplinar*. Rio de Janeiro, NEPAD/UERJ, Sette Letras, 1997: 92.
- LÖWI, M.** “Ideologias e Ciências Sociais: elementos para uma análise marxista”. São Paulo, Cortez, 1996.
- MESQUITA, F. & BASTOS, F.I.** “Drogas e AIDS: Estratégia de Redução de Danos”. São Paulo, Editora HUCITEC, 1994.
- MIGUEL, N.** “Toxicodpendência: a prevenção é possível?”. In *Toxicomanias: Uma Abordagem Multidisciplinar*. Rio de Janeiro, NEPAD/UERJ, 1997: 72-73.
- MINAYO, M.C.S. (Org.)**. “Pesquisa Social: teoria, método e criatividade”. Petrópolis, RJ, Vozes, 1994.
- _____. “O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde”. São Paulo Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1996.

- NERI FILHO, A.** "Preconceitos e Conceitos sobre Drogas". In *Drogas, Aids e Sociedade*. Brasília, CDIC, 1995.
- OLIVENSTEIN, C.** "Os Cuidados aos Toxicômanos. Uma Ética para uma Psicoterapia Perversa". UERJ, 1989 (Tradução por: Ana Sachetti - mimeo).
- _____. "Toxicomania: Exclusão e Marginalidade". In *Toxicomanias: Abordagem Multidisciplinar*. Rio de Janeiro, NEPAD/UERJ: Sette Letras, 1997.
- PESSOA, F.** "O Eu Profundo e os Outros Eus: Seleção Poética". Rio de Janeiro, J. Aguillar, 1976.
- SANCHEZ, A.M.T. et All.** "Drogas e Drogados: o indivíduo, a família, a sociedade". São Paulo, EPU, 1982.
- SCHENKER, M.** "Droga, Indivíduo, Família e Sociedade. Paradigma Sistêmico." In *Toxicomanias: Uma Abordagem Clínica*. Rio de Janeiro, NEPAD/UERJ, Sette Letras, 1997:49.
- SOUZA, R.P.** "Nossos Adolescentes". Porto Alegre. Editora da Universidade/UFRGS, 1987.
- TANCREDI, F.B.** "As Toxicomanias do ponto de vista da Medicina e da Saúde Pública". In *Drogas e Drogados: o indivíduo, a família e a sociedade*. São Paulo, EPU, 1982.
- TOURAINE, A.** "Crítica da Modernidade". Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1994.
- VAITSMAN, J.** "Flexíveis e Plurais: Identidade, Casamento e Família em condições pós-modernas". Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
- VELHO, G.** "Drogas e Construção Social da Realidade". In *Toxicomania: Uma Abordagem Multidisciplinar*. Rio de Janeiro, NEPAD/UERJ, Sette Letras, 1997: 9-10.
- _____. "Dimensão Cultural e Política do Mundo das Drogas". In *Drogas: Uma Visão Contemporânea*. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1993, 274-279.

_____. “Subjetividade e Sociedade: Uma experiência de geração”. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1989.

_____. “Nobres e Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia”. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

VELHO,G. e ALVITO,M (Org.) . “Cidadania e Violência”. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, Editora F.G.V., 1996.

WINNICOTT, D.W. “A Família e o Desenvolvimento Individual”. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

_____ “Tudo começa em casa”. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

ZINBERG, N.E. "Drug, Set and Setting". New York, Yale University Press, 1984.